ARQUEOLOGIA BÍBLICA

A DOUTRINA QUE ESTUDA O PERIODO BÍBLICO

SISTEMÁTICA

14



FAÇA A DIFERENÇA

SEJA SETAT

SEMINÁRIO DE TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

PASTOR
LENILBERTO *Miranda*

Lenilberto Miranda, natural de Bodocó PE, Ministro do evangelho ordenado em 27/08/1998. Pastor no Ministério de Madureira, membro da CONAMAD, Bacharel, Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Um dos Fundadores da FATESB- Faculdade de Educação Teológica Fonte de Belém, que nos seus mais de 25 anos já formou mais de 3.000 aluno em sala de aula 100% presencial. Escritor, conferencista e professor na cadeira da Teologia Sistemática, leciona Teologia desde 1997. Idealizador do projeto Teologia ao Alcance de Todos, no Youtube e Facebook com Vídeo aulas e dicas de Estudos e pesquisas no campo teológico.

QUEM SOMOS

O SETAT é uma instituição de ensino interdenominacional, independente e sem vínculo com denominações religiosas. Todos os cursos ministrados pelo SETAT são livres (EAD).

Temos por objetivo, a formação de lideranças a serviço do Reino de Deus, prepara pessoas de todas as igrejas evangélicas para o exercício do ministério cristão. Somos impulsionados pelo compromisso com a formação integral da pessoa, motivando-a e capacitando-a a crescer nas dimensões espirituais, intelectuais do seu ministério.

Motivados pela Graça de Deus, buscamos seguir o caminho de nosso Jesus Cristo em seu ministério de compaixão, sobre a direção do Espírito Santo, ensinar, capacitar e treinar a igreja.

Nossa visão teológica é CRISTÃ, com foco no ENSINO das Doutrinas Centrais do CRISTIANISMO, fundamentada nas ESCRITURAS SAGRADAS. Buscamos ser contextual e relevante para nosso tempo, preparando Líderes para a Missão integral da Igreja. Nosso compromisso e com a expansão do REINO DE DEUS Mc. 16.15.

A visão que Deus colocou no meu coração foi que milhões de pessoas tenham a possibilidade de estudar todo o conteúdo do curso Bacharel em Teologia em qualquer lugar do mundo. O método que utilizamos é dinâmico no ensino teológico e facilita ao máximo o aprendizado, ele se baseia nos modelos das maiores universidades abertas da Europa e dos EUA. É uma técnica rápida de transmissão de conhecimentos, divulgada durante a segunda Guerra Mundial que consistia em colocar os alunos em contato direto com o que deveria aprender. Os cursos contam com material didático online que ficará liberado para download e impressão, e correspondência enviada pelo correio. Com apoio para seus estudos, aulas Vips, cursos, palestras, treinamentos, vídeo conferência, vídeo aulas completas no nosso canal Teologia Ao Alcance de Todos no Youtube, Site, Facebook, Instagram, etc.

MISSÃO

Transformar pessoas simples, transmitindo vocação, chamado, experiências intelectuais e espirituais através da educação Teológica inovadora de qualidade, usando todos os recursos que possibilitem a todos o acesso fácil ao conhecimento, por meio de toda tecnologia moderna.

VISÃO

Ser um Seminário Reconhecido em todo território nacional até 2026, como uma referência em educação teológica a distância. Com uma metodologia extraordinária e inovadora em suas práticas pedagógicas e na transformação extraordinária de Líderes pensadores de sucesso ministerial.

VALORES

Amor, Carinho, Honestidade, Transparência, Respeito, Ética e Honrar ao realizar a obra de Deus, fazer os serviços operacionais e administrativos com ética cristã com excelência e eficiência, visando sempre a satisfação dos nossos alunos.

REDES SOCIAIS

Siga-nos em nossas Redes sociais, postamos muitas aulas dicas e ferramentas gratuitas para você aprendar ainda mais sobre a palavra de Deus



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nosso canal no youtube você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nossa PAGÍNA você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER



TEOLOGIA AO ALCANCE DE TODOS

Em nossa Perfil você irá receber aulas dicas tutoriais e ferramentas que lhe ajudarão em seu ministério

CLIQUE PARA CONHECER

O MELHOR CANAL PARA CASAIS, SOLTEIROS E JOVENS DO YOUTUBE

YouTube LENILBERTO *Miranda*

Informações:

TEOLOGIAAOALCANCEDETODOS.COM.BR

INTRODUÇÃO 4
O PAPEL DA ARQUEOLOGIA NO ESTUDO DO VELHO TESTAMENTO..... 8
II - A CRIAÇÃO DO UNIVERSO 40
III - NOVAS TEORIAS MODERNAS 46
IV - PRÉ-HISTÓRIA 58
V - O QUE É ARQUEOLOGIA BÍBLICA? 73
VI - ARQUEOLOGIA E O ANTIGO TESTAMENTO..... 75
VII - OS PERÍODOS ARQUEOLÓGICOS..... 76
VIII - DOCUMENTOS E OBJETOS ARQUEOLÓGICOS 80
CONCLUSÃO..... 143
BIBLIOGRAFIA 144

INTRODUÇÃO

Arqueologia [Do grego Archaiologia – “archaios”, “antigo”, “primitivo”; “logia”, “tratado”, “estudo”]. Ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos por meio de escavações ou através de documentos, monumentos, objetos etc., por eles deixados.
A arqueologia não se trata apenas de escavações, mas também de conhecimentos, de realizações inteligentes.

1. Quem São os Arqueólogos?

Os arqueólogos são geralmente considerados escavadores, mas a escavação não é senão uma parte da arqueologia. Os arqueólogos realizam seus trabalhos por várias partes do mundo, trabalham sobre e sob o solo; analisam pinturas ou gravuras sobre rochas, objetos abandonados em zonas onde a formação dos solos é lenta ou inexistente, e que não foram cobertos.
O mesmo se passa com certas construções ou sepulturas e seu conteúdo. Outros trabalham em instituições, encarregados de conservar documentação:

inventários, cartas, fotografias, séries de objetos que provêm do campo de trabalho do arqueólogo. Há, enfim, arqueólogos em todos os locais onde se expõem os resultados das investigações: Nas universidades, nos programas de rádio e televisão, jornais etc.

2. Onde São Realizados os Trabalhos Arqueológicos?

As descobertas arqueológicas são feitas em terrenos em que os conjuntos de testemunhos são mais completos, dando a finalidade de estudá-los. Os terrenos de

explorações estão por todas as partes do mundo, dos trópicos às regiões árticas.
A arqueologia entrou numa fase global, planetária. Os arqueólogos, então, não realizam seus trabalhos apenas à superfície da terra, mas também nos oceanos; com instrumentos adequados, examinam o que encontram na superfície, bem como as explorações submarinas.

3. O Começo do Interesse Pela Arqueologia

Claude James Rich, agente da Companhia da Índia Oriental Inglesa, residente em Bagdá, 80 Km ao nordeste do local da antiga Babilônia, tendo sua curiosidade despertada por alguns tijolos com inscrições, trazidos por um amigo seu, visitou aquele local em 1811.

Ali, ficou 10 dias, localizou e cartografou a vasta acumulação de cômoros que tinham sido a Babilônia. Com o auxílio de alguns nativos, escavou os ditos cômoros e conseguiu poucas placas (tabletes) de barro, que levou para Bagdá.

Em 1820 visitou Mossul, e gastou 4 meses rascunhando um desenho dos cômoros do outro lado do rio, onde suspeitava que estivessem as ruínas de Nínive. Colecionou placas e inscrições que nem ele e nem ninguém podia ler. Suas descobertas provocaram interesse geral.

Paul Emil Botta, cônsul francês em Mossul, começou a escavar os tais cômoros em 1842, e nos 10 anos seguintes desvendou o magnificante palácio de Sargão em Corsabade.

Sir Austen Henry Layard, inglês, chamado “Pai da Assiriologia”, descobriu (1845-51) em Nínive e Calá, as

ruínas dos palácios de cinco dos reis assírios que são mencionados na Bíblia, bem como a grande biblioteca de Assurbanipal, que se supõe ter sido de 100.000 volumes.

Desde então numerosas expedições, inglesas, francesas, alemãs e americanas, têm escavado em vários cômoros de ruínas do vale do Tigre-Eufrates, e têm encontrado centenas de milhares de placas e monumentos com inscrições, feitos nos primeiros dias da raça humana.

E o trabalho prossegue; uma torrente ininterrupta de inscrições antigas continua a ser despejada nos grandes museus do mundo, para estudo e interpretação.

Tais inscrições foram feitas numa língua que há muito caiu em desuso, vindo a ser esquecida. Eram, porém, tão importantes, que os sábios ficaram muito interessados em decifrá-las.

4. A Importância do Estudo da Arqueologia Bíblica

O estudo da arqueologia bíblica tem sua fundamental importância pelas épocas, povos e as mensagens que a Bíblia tem em si mesma. As pesquisas arqueológicas devem ser realizadas em conexão com a Bíblia, que apresenta um apoio significativo para os estudos arqueológicos, que no seu estudo tornam as pesquisas bem iluminadas e ilustrativas através das suas páginas, que ajudam verdadeiramente a apresentar notáveis descobertas. Os grandes arqueólogos se apoiam nas descobertas arqueológicas através dos estudos bíblicos, e apresentam significativos resultados à arqueologia. Porque a Bíblia continua a ser o apoio das descobertas arqueológicas.

O PAPEL DA ARQUEOLOGIA NO ESTUDO DO VELHO TESTAMENTO

A arqueologia geral, como ciência baseada na escavação, decifração e avaliação crítica dos registros do passado, é assunto perenemente fascinante. De maior interesse ainda é o campo mais restrito da

arqueologia bíblica. Lidando com a escavação, decifração e avaliação crítica de registros que têm a ver direta ou indiretamente com a Bíblia e sua mensagem, a arqueologia bíblica tem atraído cada vez mais de maior número de investigadores entusiásticos, estudiosos e leitores da Bíblia em geral.

A razão para o crescente entusiasmo pela arqueologia bíblica, não é difícil de ser encontrada. Reside na suprema importância da mensagem e significado da Bíblia em si mesma. As Escrituras, em virtude do caráter que têm, como a revelação inspirada de Deus ao homem, satisfazendo as mais prementes necessidades humanas, hoje, como, no passado, alcançaram, inevitavelmente, uma posição de supremacia nos interesses e nas afeições da humanidade. Nenhum outro livro se pode comprar aos escritos Sagrados no chamar a atenção do homem, ou ministrar às suas necessidades.

A arqueologia bíblia, lançando luz sobre o panorama histórico e a vida contemporânea da época em que as Escrituras Sagradas foram produzidas, bem como iluminando e ilustrando as suas páginas com as suas

verdadeiramente notáveis descobertas, necessariamente deve muito ao interesse que a ela se presta, à sua conexão com a Bíblia. De fato, uma forma segura de ficar famoso como arqueólogo, é fazer alguma descoberta que sirva de apoio significativo para estudos bíblicos.

Nenhum campo de pesquisa tem oferecido maiores desafios e promessas do que a arqueologia velho-testamentária. Até o começo do século dezenove, muito pouco era conhecido a respeito dos tempos bíblicos, exceto o que aparecia nas páginas das próprias Escrituras, ou o que, casualmente, fora preservado nos escritos da antiguidade clássica. Esse material era considerável em relação à era neo-testamentária, mas praticamente nulo no que concernia ao Velho Testamento, visto que os historiadores gregos e latinos haviam catalogado muito poucas informações de épocas anteriores ao quinto século
A.C. Consequentemente, o que se sabia a respeito do período velho-testamentário era confinado à própria Bíblia, e ainda isso, segundo o ponto de vista da história secular contemporânea, era bem esparso. O resultado era que, antes do advento da arqueologia moderna,

praticamente não havia nada disponível par ilustrar a história e a literatura do Velho Testamento.

Pode-se imaginar o fervor suscitado entre os estudantes sérios da Bíblia, pelas iluminadoras descoberta feitas nas terras bíblicas, especialmente dede o ano 1880 até agora. Pode-se dizer que a arqueologia moderna teve seu inicio em 1798, quando as ricas antiguidades do Vale do Nilo foram abertas para estudo científico pela Expedição de Napoleão. Os tesouros da Assíria e da Babilônia, todavia, não foram descobertos até pouco antes da metade do século XIX, como resultado do trabalho de Paul Emile Botta, Austin Henry Layard, Henry C. Rawlinson e outros. Com a decifração da Pedra da Rosetta, que revelou os hieróglifos egípicios, e a decifração da Inscrição de Behistun, que forneceu a chave para a compreensão dos caracteres cuneiformes assírio-babilônicos, foi liberada abundante cópia de material concernente ao Velho Testamento. a descoberta da Pedra de Moabita, em 1868, criou verdadeira sensação, devido à sua íntima relação com a história do Velho Testamento, excitando interesse generalizado pelas escavações palestinas.

No entanto, a maior parte das notáveis descobertas, que tinham conexão com a Bíblia, a particularmente o Velho Testamento, não foram feitas até mais ou menos meio século atrás. Achados tais como o Código de Hamurábi (1901), a Papiro Elefantino (1903), os monumentos hititas em Bogazqueui (1906), o túmulo de Tutankhamun (1922), o Sarcófago de Abirão de Biblos (1923), os textos de Rãs Shamra (1929-1937), as Cartas de Mari, o Óstraco de Laquis (1935-1938) e os “Rolos do Mar Morto” (1947), são famosos, em grande parte, devido à sua íntima conexão com a literatura e a história do Velho Testamento. Sendo isto verdade, alguém pode perguntar: o que é que há no caráter e no significado do Velho Testamento, que assegurou a sua preservação através dos séculos, e o entesourou no coração da humanidade com interesse com que é comunicado à pessoa ou à cousa, que serve de ajuda para expor e aclarar a sua mensagem perpetuamente atualizada e tão necessária para a humanidade?

1. O Significado do Velho Testamento

O que é o Velho Testamento, e o que ele realiza no seu ministério para a humanidade, é o segredo do seu permanente interesse. Muito frequentemente, o erudito e o arqueólogo profissional focalizam a sua atenção de maneira tão absorvente sobre os fundamentos e a estrutura do Velho Testamento, e se ocupam tão detalhadamente em examinar, individualmente, as pedras que compõem a sua construção, que perdem de vista ou falham completamente, as como um todo, e como o magnificente templo da verdade espiritual que ele é.

Embora o estudo de alguns bíblicos esteja por detrás ao invés de estar no Velho Testamento (e a importância e a necessidade de tal pesquisa não pode ser negada por um momento sequer), esse tipo de investigação, que coloca o

significado e a mensagem do Velho Testamento na periferia ou completamente fora do círculo de interesse, é sempre sujeito a perigos. Frequentemente, é muito desvinculado da mensagem do Velho Testamento, e se

torna, em si mesmo, um objetivo estéril. Ainda mais frequentemente, devido à falha em ver a natureza do Velho Testamento como uma unidade, fatos e descobertas trazidos à luz pelo investigador, são analisados e interpretados erradamente, e usados como base para críticas destrutivas.

Combinação ideal será sempre o investigador cuidadoso, bem informado técnica e cientificamente, que tenha também opinião adequada a respeito do significado e a mensagem do Velho Testamento para o Israel de outrora, para a Igreja Cristã e para a humanidade em geral. Na verdade, a arqueologia só pode prestar a sua melhor contribuição ao estudo do Velho Testamento, à medida em que o estudante comum, bem como o técnico ou erudito, tiverem em mente, de maneira clara, o que é o Velho Testamento.

O Velho Testamento é a Revelação Inspirada de Deus ao Homem. O testemunho claro do Novo Testamento em relação ao Velho, é de que “todo” ele é “inspirado” ou “dado por Deus” e “útil” (II Timóteo 3;16), e que veio a existir “não por vontade humana”, mas ao escrevê-lo, “homens falaram da parte de Deus movidos pelo

Espírito Santo" (II Pedro 1.21). uma exegese cuidadosa dessas passagens-chaves do Novo Testamento, revela que elas não ensinam apenas que a inspiração se estende igualmente a todas as partes das Santas Escrituras, mas que inclui também cada palavra. Esta opinião "verbal plenária" é quase universalmente negada pelos críticos hodiernos, a despeito das claras afirmações da Bíblia.

Contudo, por toda a parte, no Velho Testamento, há abundante evidências que confirmam as declarações do Novo, de que as antigas Escrituras Hebraicas tiveram

origem divina, foram inspiradas verbalmente in totum, e são a revelação de Deus ao homem. Os escritores sagrados foram profetas no sentido mais enfático da palavra. Receberam a palavra divina diretamente de Deus e a falaram ao povo. Vezes seguidas antecedem as suas mensagens com expressões autoritárias como: "Assim diz o Senhor" (Êxodo 4.22) ou "Ouvi a palavra do Senhor" (Isaías 1.10). frequentemente era-lhes ordenado que escrevessem os escrevessem os seus oráculos (Êxodo 17.14; 24.4,7; Jeremias 30.1,2).

Profetas como Isaías, Jeremias e Daniel, que falaram de acontecimentos futuros, tiveram as suas previsões autenticadas pelo tempo.

Prova corolária de que o Velho Testamento é a revelação inspirada de Deus ao homem, é a sua preservação miraculosa através dos séculos. Este fato é singular entre os fatos respeito de livros em geral. Evidentemente, entre uma literatura substancial de alta qualidade, na qual há ecos da antiguidade israelita (Josué 10.13; Números 21.14; Eclesiastes 12.12), foi feita uma seleção, ao se confrontarem escritos humanos com documentos inspirados. Todas essas obras israelitas antigas parecem, exceto os oráculos inspirados, que foram miraculosamente preservados do fogo, da espada, e das vicissitudes dos séculos.
Obras posteriores de grande qualidade, mas não inspiradas, sobreviveram em escritos agora conhecidos como os Apócrifos e os Pseudo-Epígrafos. Divina interposição manifestada, não apenas na preservação dos oráculos divinos da destruição, mas também da contaminação da inclusão de escritos não inspirados no “cânon” judeu-cristão.

No entanto, o Velho Testamento não é apenas um livro divino. É, da mesma forma, um livro humano, pois, como todas as Escrituras, foi dado pelo Espírito Santo por instrumentalidade humana, a homens como eles eram, e onde quer que estivessem. Sendo o livro de Deus para o

homem, satisfaz as mais profundas necessidades da alma humana, e como tal, possui as qualidades de universalidade onitemporalidade. Contudo, a falha em apreciar os aspectos divino-humanos da Bíblia tem resultado, muitas vezes, no fato de ser focalizada, erradamente, a luz valiosa lançada sobre as suas páginas pela história e a arqueologia, de forma que os dados históricos e arqueólogos têm sido mal interpretados e mal aplicados.

O Velho Testamento é a Introdução Indispensável à revelação do Novo Testamento. Embora consistindo de dois testamentos e sessenta e seis livros, a Bíblia é um só livro. Os dois testamentos não quebram a sua unidade mais do que os sessenta e seis livros diferentes

dos quais ela é composta. O Velho Testamento é parte essencial é inseparável da Bíblia. É o alicerce sobre o qual toda a estrutura das verdades do Novo Testamento é erguida. É a preparação para tudo o que é revelado no Novo Testamento. É a introdução provida pelo Judaísmo, para a completa e final revelação do Cristianismo.

Sem o Velho Testamento, não seria possível haver Novo Testamento. sem Ele o Novo Testamento não teria significado. Um é a complementação do outro. Separar os dois e manejá-los como unidades isoladas e desconexas, resultaria em dano irreparável, não apenas religioso, mas histórico e arqueologicamente também. Religiosamente, um sistema como o Judaísmo tem sido perpetuado pelo erro de rejeitar o Novo Testamento. Histórica e arqueologicamente, a falha em compreender o relacionamento exato do Velho Testamento com a Bíblia como um todo, é a causa prolífica de sérias interpretações e aplicações erradas de descobertas históricas e arqueológicas.

O Velho Testamento é uma História Altamente Especializada da Redenção Humana. Embora

contenham todos os tipos de literatura com ensinos e caracteres

diversos, as Escrituras Hebraicas são, em grande parte, classificadas comumente como história. Porém, essas secções chamadas históricas não são história, na acepção geralmente aceita da palavra, como o registro sistemático de acontecimentos passados. Devem ser definidas amplamente como a história altamente especializada da redenção humana. Num sentido mais elevado, elas são, mais precisamente, uma filosofia da história, interpretando os eventos seletivos na História da redenção, do ponto de vista da linha genealógica prometida, através da qual deveria vir o Messias, e mais tarde, do ponto de vista da relação da nação de Israel com Jeová e o seu programa de redenção para o mundo.

Contudo, as porções “históricas” do Velho Testamento são mais do que uma história especializada da redenção, ou de que uma filosofia daquela história. É história redentora mesclada com profecia. Embora haja,

sem dúvida, porções proféticas distintas nas Escrituras Hebraicas, em contraste com as secções históricas, a profecia, em seu importante elemento de predições messiânicas de promessas, tipos e símbolos, está ligada tão intimamente à tessitura da história da redenção apresentada pelo Velho Testamento, que é impossível separá-la daquela história. Falha em compreender o Velho Testamento em seu preciso caráter, como história centralizada no Messias, ligada a profecia centralizada também no Messias, e falha em compreender o seu propósito ímpar, de preparar o caminho para a vinda do Redentor, tem levado muitos críticos a aplicar erradamente as descobertas arqueológicas, e a depreciar o valor histórico do Velho Testamento.

Contribuições da Arqueologia ao Estudo do Velho Testamento

A arqueologia, nas mãos do estudioso da Bíblia, pode ser de grande utilidade, ou motivo de abuso. O resultado será

determinado, em grande parte, pela atitude do investigador com respeito ao significado do Velho Testamento em si. Se ele for somente um técnico científico, despido de equipamento espiritual, e rejeitar os aspectos que fazem da Bíblia um livro divino-humano, aceitando apenas as características humanas, os dados arqueológicos, nas suas mãos, estão em constante perigo de ser mal interpretados e usados como base de teorias errôneas, quando ele tentar aplicá-las ao Velho Testamento. Se, por outro lado, como técnico científico, o investigador tem uma compreensão do significado espiritual e está de acordo com a mensagem do Velho Testamento, aplicação que ele fizer das descobertas arqueológicas prestará enorme benefício à ilustração e elucidação dos oráculos antigos para um mundo moderno. Legitimamente manuseada, as contribuições que a arqueologia está fazendo ao estudo do Velho Testamento são vastas e de longo alcance.

A Arqueologia Autentica a Bíblia. O estudo dos despojos materiais do passado remoto é muitas vezes útil para “provar” que a Bíblia é verdadeira e exata. Mui frequentemente o emprego apologético dos dados arqueológicos é necessário, especialmente ao lidar-se

com o ceticismo racionalista e a alta crítica. Contudo, é um erro considerá-lo como a utilidade maior da arqueologia, ou, para o estudioso, torná-lo o objetivo principal da sua pesquisa. A natureza subordinada do ministério da arqueologia na autenticação da Bíblia, provar-se-á em virtude de várias considerações.

Em primeiro lugar, a Bíblia, quando julgada com sinceridade, não necessita de ser "provada" pela arqueologia, pela geologia, ou por qualquer outra ciência. Sendo revelação de Deus para o homem, a sua própria mensagem e significação, as suas próprias declarações de inspiração e de evidência interna, os próprios frutos e resultados que ela produz na vida da humanidade, são as suas melhores provas de autenticidade. Ela demonstra, por

si própria, ser o que declara ser para aqueles que creem na sua mensagem. Visto que Deus determinou a realização d vida espiritual a percepção da verdade espiritual, na base da fé e não do que vemos (II Coríntios 5.7; Hebreus 11.6), seja qual for a contribuição que a arqueologia ou outra ciência qualquer faça para

corroborar a veracidade da Bíblia, nunca isso poderá tomar o lugar da fé. A autenticação científica pode atuar como uma ajuda para a fé, mas Deus fez tudo de forma que a simples fé (que O glorifica) será sempre necessária nas nossas relações para com Ele ou para com a Sua verdade revelada.

Por esta razão, muitos eruditos desprovidos de fé ainda rejeitam o significado e a mensagem revelada do Velho Testamento, a despeito de inúmeros fatos arqueológicos que provam a sua alternidade. Pela mesma razão, é totalmente insensato alguém procrastinar a sua fé na Bíblia até que todos os problemas que ela contém sejam resolvidos. É tão impossível que Deus cesse de agir para com o homem na base da fé com é possível que a arqueologia ou outra ciência qualquer resolva jamais todos os problemas bíblicos. Ao lidar com a Bíblia, a fé é tão essencial ao erudito, se ele desejar interpretar e avaliar os resultados da sua pesquisa correspondentemente, como ao selvagem analfabeto, se ele desejar encontrar regeneração espiritual através da Palavra de Deus pregada pelo missionário.
O papel da arqueologia, de confirmar a Bíblia corretamente, é secundário, visto que os benefícios

espirituais da verdade bíblica não podem ser apropriados pelo mero conhecimento e pelas provas externas de veracidade, mas sobre a base da fé nas suas declarações internas e na evidência que ela apresenta de ser a Palavra de Deus. Não obstante, a arqueologia, ao confirmar a Bíblia, tem desempenhado uma importante função desferindo um golpe fatal nas teorias radicais da alta crítica, que têm infestado especialmente o estudo do Velho Testamento.

Antes do progresso que a pesquisa experimentou nas terras bíblicas, especialmente neste último cinquenta anos, uma quantidade grande de absurdos que, subsequentemente, foram provados pela arqueologia como ilógicos, foram escritos por eruditos que consideravam a Bíblia como lenda, mito, ou quando muito, estória que não era digna de crédito. Agindo como um corretivo e como expurgadora, a arqueologia fez em pedaços muitas dessas teorias errôneas e suposições falsas que costumavam desfilar nos círculos escolásticos como fatos estabelecidos.

A alta crítica não pode mais, por exemplo, negar o fato de que Moises podia escrever ou considerar os patriarcas como simples figuras legendárias.

A arqueologia demonstrou a falsidade destas duas e de numerosas outras controvérsias. Evidência meridiana é agora conhecida, de que Abraão, Isaque e Jacó foram personagens históricas, como o Gênesis os descreve. Quanto a Moisés, pode ser que ele tenha escrito documentos não apenas em hieróglifos egípcios, como a sua residência no Egito nos primeiros anos da sua vida fazem presumir, mas também em Acádio, como as Cartas de Amarna, do século XIV A.C. o demonstram, e ainda em hebraico arcaico também como o prova a descoberta da literatura ugarítica, em Rãs Shamra, ao norte da Síria (1929-1937).

Com respeito à autenticação da Bíblia, tal confirmação pode ser geral ou específica. Exemplos de confirmação geral são inumeráveis. Por exemplo, escavações em Silo, Gibeá. Megido, Samaria e outros lugares palestinos, têm corroborado plenamente as citaco9es bíblicas dessas cidades. Casos de confirmação específica, embora sejam, como era de se esperar,

menos numerosos dos de confirmação geral, são, no entanto, mais impressionantes.

O caso de Belsazar, último rei de Babilônia, é característico. Por muito tempo o fato de o Livro de Daniel apresentar Belsazar como rei época da queda de Babilônia (Daniel 5), em vez de Nabonido, como indicam os registros cuneiformes, era considerado uma forte evidencia contra a historicidade dos registros sagrados.

A solução desta pseudo-discrepância ficou patente quando foram desenterradas evidências indicando não apenas a associação de Belsazar com Nabonido no trono, mas demonstrando também que durante a última parte do seu reinado, este residiu na Arábia, e deixou a direção do reino da Babilônia nas mãos do seu filho mais velho, Belsazar.

Semelhante ao caso de Belsazar em Daniel 5, é o que parecia uma referência enigmática a um certo “Sargão, rei da Assíria”, em Isaías 20.1. Antes do advento da moderna arqueologia, com a sua notável reconstituição da civilização da antiga Babilônia-Assíria, que estava sepultada sob as colinas de escombros arqueológicos das cidades mesopotâmicas, o nome de Sargão não havia ocorrido em nenhuma fonte de referências, exceto

nesta única passagem de Isaías. Como resultado, a referência bíblica era considerada, em geral, como completamente desprovida de valor histórico.

A descoberta do palácio de Sargão, em Corsabade (Dur-Sharrukin ou Sargomburgo) em 1843, por Paul Emile Botta, e ulteriores explorações do local em anos mais recentes, pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago, mudaram o quadro completamente. Com a reconstituição do palácio, dos anais reais e outros registros do reino de Sargão (722-105 A.C.), hoje ele é um do mais bem conhecidos monarcas assírios, particularmente como o rei que finalmente invadiu Sumaria em 722-721 A.C., depois de assédio de três anos levado a efeito por Salmaneser V, resultando assim na queda do Reino do Norte, de Israel.

Outro exemplo de confirmação minuciosa e extraordinária dos registro sagrados, é encontrado em cerca de trezentas tábuas (NOTA DO TRADUTOR: Tábuas de barro mole em que se imprimiam os caracteres cuneiformes, após o que eram levadas ao forno) desenterradas perto da Porta de Istar, na Babilônia de Nabucodonosor II, datadas de 595 a 570 A.C. Nas listas de rações pagas a artífices e cativos que viviam na capital ou perto dela, naquele tempo, ocorre o

nome de “Yaukin, rei da terra de Yahud” – que não pode ser outro senão “Jeoaquim, rei de Judá” (II Reis 25.27-30), que fora levado cativo para Babilônia, depois da primeira conquista de Jerusalém, efetuada por Nabucodonosor. Fora tirado do confinamento diário de alimentos, por todos os dias da sua vida. Os cinco filhos de Yaukin são mencionados três vezes nas placas, sendo dito que estavam sob os cuidados de um servente que tinha o nome judaico de Quenaías. Sem dúvida, vários ou todos esses filhos viveram o bastante para ser incluídos na lista dos sete filhos de Jeoaquim, dada em I Crônicas 3.17,18.

A Arqueologia Ilustra e Explica a Bíblia. Fazer as Escrituras Sagradas mais completamente inteligíveis para a mente humana, é sem dúvida a função real da arqueologia. Do ponto de vista divino, no entanto, a Bíblia, sendo revelação de Deus, não precisa de Luz arqueológica para se tornar compreensível e espiritualmente essencial, como também não precisa provar-se como autêntica ou verdadeira. Multidões foram espiritualmente regeneradas e se apropriaram plenamente dos tesouros de sabedoria divina contidos nas Escrituras, muito antes do advento da arqueologia

moderna. Contudo, devemos lembrar que a Bíblia não é apenas um livro divino, mas também é um livro humano. Como produto da revelação de Deus comunicada ao homem através de homens, do ponto de vista humano, a Bíblia pode ser feita mais plenamente como resultado da luz que jorra sobre ela provinda de fontes externas – sejam elas a história antiga, a arqueologia moderna, ou qualquer outro ramo do saber. E qualquer pessoa que desejo

compreender a Bíblia tanto quanto possível, não tem direito de negligenciar a luz que pode ser obtida de fontes extra- bíblicas. Como, bem a propósito, observa W. F. Albright: “É só então que começamos a apreciar a sua grandeza como a revelação inspirada do Espírito Eterno do Universo”.

3. Introdução

As descobertas arqueológicas na Terra Santa atraem a atenção da imprensa. Elas lhe dão o poder de formar

imagens do passado. Estudos recentes sobre o Jesus Histórico aproveitaram as idéias de alguns arqueólogos referentes à “urbanização” da Galiléia nos tempos romanos e as utilizaram para tirar Jesus de seu ambiente judeu e situá-lo num contexto cultural mais cosmopolita.

Ao que parece, os próprios camponeses galileus estavam familiarizados com as filosofias helenísticas populares. Os cristãos sempre se preocupam com as origens judaicas de Jesus. Muitos estudiosos, levados pelo Holocausto a refletir seriamente sobre as implicações do antijudaísmo cristão, reafirmaram que Jesus era judeu de fato. Se a Galiléia já abrigava um etos cosmopolita urbanizado, porém, Jesus podia ser judeu sem todo o particularismo supostamente problemático do judaísmo.

Essa conclusão sobre Jesus não é de forma alguma necessária ou obvia, porém, e isso se pode ver pela conclusão totalmente diferente a que chegam os estudiosos judeus sobre os rabis, especialmente Judas, o príncipe, dois séculos mais tarde. Nessa época, a cidade de Séforis estava quase totalmente helenizada,

com um teatro e mosaicos dionisíacos elaborados. Entretanto, foi precisamente nessa cidade culturalmente cosmopolita que o rabi Judas, o príncipe, amigo de imperadores romanos e detentor de influência sobre todas as comunidades judaico- helenísticas da diáspora, presidiu a compilação da Mixná, a base do judaísmo rabínico.

Algo parece errado quando essas conclusões sobre o etos cosmopolita e as influências helenísticas na Galiléia são justapostas. Alguns estudiosos cristãos concluem que as influências helenísticas provenientes de Séforis haviam criado um etos cosmopolita a que os habitantes das aldeias, como Jesus, reagiram positivamente já no início do período da romanização. Estudiosos rabínicos judeus, por outro lado, concluem que a atmosfera cosmopolita mais desenvolvida da cidade ofereceu o contexto em que o polido Judas, o Príncipe, consolidou tradições escribais judaicas nativas em hebraico. Os argumentos relacionados às influências seriam claramente mais dignos de crédito se Jesus fosse a personagem mais recente na cidade cosmopolita e Judas, o aldeão, se situasse no início da "urbanização" da Galiléia!

Essas duas proposições de relação entre a influência supostamente cosmopolita e as reações dos judeus são exemplos particularmente expressivos do modo como mesmo campos aparentemente inter-relacionados atuam mais ou menos independentemente um do outro na divisão acadêmica do trabalho. Os achados das escavações arqueológicas na Galiléia seriam de considerável utilidade tanto para estudo sobre Jesus e sobre a tradição do Evangelho como para o estudo do judaísmo rabínico. Entretanto, como nenhum desses campos vem incorporando regulamente relatórios arqueológicos em suas pesquisas, eles não dispõem de nenhum mecanismo conceitual que lhes possibilite uma análise adequada das implicações, quando registram um achado arqueológico específico inesperado.

Sem duvida, um dos motivos principais por que esses três campos não ajudam regularmente seus primos próximos é que cada um se dedica às suas próprias questões e inovações, novas e estimulantes a um só tempo. A “busca do Jesus histórico” mais recente é ela própria um desenvolvimento da última década. Como outros estudiosos no campo do Novo Testamento, os que se concentram no estudo de Jesus estão abandonando um velho “paradigma” hoje considerado

inapropriado para s realidades históricas que ele pretendia explicar. Os velhos termos teológicos europeus do século XIX não os ajudam mais a refletir sobre a verdadeira religião universal, o “Cristianismo”, a partir do “Judaísmo” palestino particularista e francamente político, voltado para a manutenção da Lei. Um primeiro passo necessário devia romper a estrutura protestante-luterana padrão das questões teológicas em jogo no ministério de Jesus. Em seguida, também, a representação que Albert Schweitzer e Rudolf Bultmann fizeram de Jesus como pregador apocalíptico que proclamava uma catástrofe cósmica iminente não parecia mais corresponder aos ditos que os especialistas consideravam mais autênticos; pelo contrário, esses ditos pareciam ensinamentos de sabedoria. Alguns começaram a adotar métodos sociológicos e antropológicos para estudar Jesus no contexto social, e a atenção voltou-se para a análise de classe e para a história social. Só nos últimos anos intérpretes de Jesus começaram a levar em consideração os resultados das escavações arqueológicas.

Os estudiosos rabínicos também se preocupam com novos desenvolvimentos, o que ajuda a explicar a pouca

atenção dada à arqueologia também nesse campo. Estudiosos rabínicos importantes introduziram princípios críticos para a datação e a interpretação de tradições e para a avaliação de compilações inteiras como a Mixná. Essa atividade nesse campo levou a tentativas de classificação dos materiais nos documentos rabínicos que podem ser usados como fontes históricas, com o fim de, em seguida, esboçar o contexto social histórico daqueles rabis.

Somente nas duas últimas décadas os arqueólogos voltaram sua atenção especificamente para a Galiléia. Eles necessariamente adotaram suas próprias estratégias de pesquisa, incluindo a utilização de uma tipologia cerâmica para definir estratificações cronológicas de sítios e explorações regionais inovadoras. Conquanto aproveitassem fontes textuais em seus relatórios e interpretações, os arqueólogos galileus não conseguiram se apropriar de desenvolvimentos da análise crítica desses textos.
Assim, do mesmo modo que a arqueologia recém-desenvolvida da Galiléia tem muito a oferecer tanto para os estudos sobre Jesus como para os estudos rabínicos, também esses estudos textuais têm muito à

oferecer à arqueologia, tendo em vista a crescente sofisticação dos mesmos no que se refere à análise crítica de textos como fontes históricas. Com as manifestações recentes de interesse pelos contextos sociais dos textos, esses três campos de estudo podem beneficiar-se reciprocamente de diversos modos para uma compreensão mais plena da Galiléia como texto de Jesus e de seu movimento e também como contexto dos rabis.

Como só recentemente a atenção desses campos convergiu especificamente para a Galiléia, a interpretação em geral de acordo com o paradigma padrão de “judaísmo”, “palestina judaica” ou “eretz Israel”, segundo o qual foram anteriormente entendidas as informações provenientes da Galiléia ou sobre a Galiléia. Poucas distinções, de caráter geográfico ou social, foram feitas. Textos e artefatos casualmente procedentes da Galiléia foram simplesmente assimilados como evidências para um “judaísmo” essencial. De fato, a Galiléia ficou quase invisível na interpretação histórica e arqueológica. Alguns estudos antigos importantes mencionaram problemas e pequenas cidades da Galiléia durante os tempos rabínicos, e pesquisa sobre os Evangelhos observaram

que a Galiléia tinha um significado teológico particular, mas nada disso levou a uma pesquisa mais profunda da história característica da Galiléia.

Os estudos textuais tanto dos Evangelhos como do material rabínico foram intensamente orientados para a interpretação literária e teológico-religiosa dos textos sagrados. Questões "históricas" específicas foram levantadas, mas dentro do paradigma da essência ou da origem de uma religião, o judaísmo ou o cristianismo. O interesse se concentrou nos elementos mais básicos mencionados nos textos sagrados, como nomes, datas ou "seitas" judaicas. Esses elementos foram tratados um a um como parte de um "pano de fundo" para um evangelho, para Jesus, para uma doutrina ou para uma tradição rabínica. Frequentemente, referências extrabíblicas ou extra rabínicas (como Josefo) foram considerados diretamente transparentes para as realidades históricas. O ressurgimento da análise crítica de fontes como as histórias de Josefo é um desenvolvimento recente.

Exceção feita ao exame isolado de sítios de interesses especial, como Nazaré, Cafarnaum e numerosos edifícios de sinagoga, explorações arqueológicas mais sistemáticas começaram com as expedições e Merom e

às aldeias próximas, e em seguida com as escavações em Séforis. Entretanto, mesmo depois da percepção de diferenças entre regiões dentro da Galiléia, achados procedentes da Galiléia inda eram agrupados com dados de outros lugares da Palestina judaica para a interpretação por tópico. A galiléia ainda estava incluía na categoria “judaísmo”, segundo o paradigma padrão. Assim nem a arqueologia nem os estudos deram muita atenção ao modo como informações específicas da Galiléia poderiam se encaixar num quadro da Galiléia como área distinta. Os campos dos estudos rabínicos, dos estudos sobre Jesus e da arqueologia deveriam estimular-se reciprocamente para que vários aspectos da Galiléia recebessem um tratamento
mais preciso e a vida antiga na área fosse vista num panorama mais amplo.

Dada a ausência total ou desequilíbrio de fontes para períodos específicos da Galiléia, esses campos inter-relacionados apresentam uma certa complementaridade de materiais. Para os períodos romanos médio e recente, estão disponíveis textos rabínicos e materiais remanescentes mais fecundos. Para a Galiléia do período tardio do segundo templo, a quantidade de materiais encontrados é muito menor. No entanto,

evidências literárias estão disponíveis através da análise crítica dos Evangelhos e das histórias de Josefo para eventos e movimentos importantes do período mais antigo. Naturalmente,os arqueólogos ainda podem desenterrar materiais importantes para o período romano antigo. Pode- se assim conceber que os arqueólogos, estimulados por um interesse renovado pelo contexto histórico-social de Jesus e de seu movimento, possam futuramente planejar escavações que ampliem nossos conhecimentos e nos dêem uma visão mais global dos padrões da vida camponesa e do modo como esses padrões possam ter mudado durante os tempos romanos.

Para explicar seu surgimento aparentemente repentino, Jesus e o(s) movimento(s) de Jesus devem ser postos numa perspectiva histórica mais ampla que só uma apreensão maior da história antiga e subsequentes da Galiléia pode oferecer. Os materiais e as informações produzidos pela arqueologia e pelos estudos rabínicos serão as duas principais fontes dessa perspectiva histórica.

Em contrapartida, a arqueologia pode extrair benefícios específicos dos estudos textuais. Como os arqueólogos que se dedicam ao estudo de sociedades históricas em outras partes do mundo,os arqueólogos que estudam a antiga Galiléia podem apoiar-se em remanescentes literários e também materiais. Com base na determinação arqueológica das camadas evidentes em sítios escavados,

só pode estabelecer uma cronologia ampla de estratos e períodos. Para cronologias mais relacionadas com certos acontecimentos, porém, os arqueólogos que estudam a Galiléia podem usar resultados da análise crítica de remanescentes literários dos campos afins.
Nesse e em outros, os estudos sobre Jesus, os estudos rabínicos a arqueologia podem hoje estimular-se e ajudar- se mutuamente enquanto buscam uma compreensão mais plena da Galiléia como contexto histórico-social tanto de Jesus como dos rabis. Este livro aproveita desenvolvimentos nos três campos inter-relacionados na tentativa de estabelecer algumas implicações para diversos aspectos importantes da vida

na Galiléia durante os tempos romanos. Ele não aborda diretamente as tradições do Evangelho de Jesus e dói se movimento e os textos rabínicos, mas o contexto histórico mais amplo em que eles emergiam e ao qual reagiam. Poder ser proveitoso refletir brevemente sobre alguns problemas relevantes e também sobre algumas perspectivas de diálogo entre os três campos que hoje se concentram sobre a Galiléia em antecipação à análise e reconstrução históricas.

II - A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Poucas coisas têm despertado mais a atenção do observador do que “Os céus e a terra”, este maravilhoso universo em que nos sentimos metidos. Efetivamente é para isso. Quem não admira as miríades de estrelas, os sóis diversos, os planetas, tudo como que cravo no céu,

muito acima das nossas cabeças, num desafio à nossa curiosidade? Desde tempos imemoriais que esse lençol estendido acima de nós, salpicado de luzeiros, vem chamando a atenção de sábios e ignorantes. Ninguém jamais soube dizer como isso apareceu.

1. A Cosmogania de Moisés

Moisés, o grande legislador dos hebreus, deu-nos um relato de tudo isso, mas com tais lacunas que não tem bastado para satisfazer ao homem. Da forma como surgiu o universo, apenas temos uma sentença: “No princípio criou Deus o céu e a terra”. Nada mais. Nas linhas seguintes, somos informados de que, depois de criado o universo, tudo era escuro e sem forma, ou, como diz o texto sagrado: “E a terra era sem forma e vazia”. O resto do primeiro capítulo de Gênesis trata da organização da terra, da criação das coisas viventes, de como se formaram os continentes, terminando com a criação do homem como a coroa de tudo. Nada se nos diz de como a matéria evoluiu, de estado amorfo, para esse conjunto maravilhoso universo. Parece mesmo que não estava nas cogitações divinas entrar em detalhes a respeito dos modos como tudo se teria comportado. Ao

homem cabe crer, mais do que especular. Se Deus nos diz,por intermédio do seu Legislador, que “no princípio” Deus criou tudo, por que ir diante dar satisfações de como o processo se teria

desenvolvido? Entretanto, o homem não foi feito apenas parecer; foi feito para aprender e desenvolver-se, e Deus deixou mesmo o problema tal como se apresenta, para despertar o mesmo homem a buscar fórmulas e equações, para poder chegar tão perto da mente divina quanto possível. O autor deseja ser comedido e cauteloso, para não dizer de mais e nem de menos, mas o suficiente para que saibamos que há um Deus e Dele proveio tudo, inclusive nós mesmos.

Da narrativa da criação, todos os povos antigos participaram. O problema é de tal magnitude que não houve geração antiga que se desinteresse dela. Cada qual passou a entender ou a estudar o problema de um determinado ponto de vista, dando a origem do mundo a uma tríade, ora a um deus como seus coadjuvantes, ora como saindo tudo de um demiurgo, surgindo do nada.

Assim se têm passado os séculos em grande processo científico neste terreno.

2. A Teoria de Laplace

Laplace, astrônomo e físico francês, foi um dos primeiros, em tempos modernos, a estudar o cosmos e pretender dar uma fórmula inteligente e mesmo científica de como o universo teria surgido. Guiot e, antes dele, Emanuel Kant, filósofo alemão, deram valiosos elementos para uma interpretação racional do problema. Laplace imaginou, baseado no Gênesis afirma: um conjunto sem forma, apenas um monte de gazes ou vapores. Baseado em estudos e calçado nas observações modernas, admitiu que esta matéria gasosa, assim difusa pelo universo, se movimentaria ao redor de um eixo, cujo raio seria do tamanho ou da metade do espaço ocupado por estes gazes. Como os gazes são leves e o movimento de rotação seria muito lento, um dia, digamos assim, levaria milhões de anos para terminar. Mas o fato admitido, de que havia

rotação e movimento, levou-o a admitir igualmente que neste movimento as diversas partículas de gaz se friccionariam ou atritariam e que deste atrito molecular surgiria calor e luz. Assim, depois de milênios, o que antes era escuro e confuso se tornaria luminoso. Teria, então, surgido o primeiro dia referido em Gênesis, quando Deus disse: “Haja luz. E houve luz”. Foi o primeiro dia cósmico. Não podia ser um dia dos nossos, porquanto o sol e luz ainda não existiam, ainda estavam imersos na massa de matéria agora incandescente. O nosso universo tornou-se, assim, uma imensa bola de fogo, onde se fundiram todos os compostos minerais que se encontram na terra e segundo dizendo, nos outros planetas.

A matéria, assim revolvente e agora incandescente, iria diminuindo de volume, ao mesmo tempo que aumentaria de rotação. Vale dizer que, se o nosso universo agora tem bilhões de quilômetros de extensão, naquele caso, teria mais, se bem que Laplace não entre nestas cogitações, que ficaram para outros. Deste movimento rotatório se teria formado uma espiral que, no devido tempo, se teria fragmentado, continuando cada fração a girar no mesmo sentido, ou no inverso, como acontece com as luas de saturno. Foi assim que

se teriam formado o nosso planeta terra e o seu satélite lua. Segundo esta norma, o sol seria o centro da esfera luminosa, tal como é agora o centro do nosso sistema planetário. Já não diremos mais do nosso universo.
Para corroborar esta teoria, temos os fenômenos por que teriam passado a terra e o seu satélite. Gênesis nos informa que em certo período de sua história não havia continentes, tudo eram mares, resultantes da imensa combustão e resfriamento, porque a terra teria passado. Na medida em que resfriava, condensava-se o vapor e havia água, para depois ser novamente atirada ao espaço e voltar a cair como chuva. Foi um ato do divino Criador a

existência dos continentes, de outra forma, ainda hoje toda a superfície da terra estaria coberta de água.
O resto do problema, com as suas muitas implicações, é matéria de astronomia. Esta teoria denominada Nebulosa, se não corresponde à realidade, porque mesmo a realidade ninguém ainda conhece, parece estar mais perto da verdade, conforme nós a encontramos na Bíblia, do que muitas outras

especulações astronômicas que se conhecem. Outros astrônomos trabalharam nesta teoria, tais como o abade Mureaux, diretor do laboratório astronômico de Paris e, de seus estudos, que não podem ser trazidos para esta página, a teoria de Laplace recebeu grande subsídios.

III - NOVAS TEORIAS MODERNAS

1. A Grande Explosão

O pensamento não pára e não pode para, e, enquanto houver um problema a resolver, o pensamento humano trabalhará nele. Com o advento dos modernos telescópios, muita coisa nova tem vindo à luz, e o nosso universo, misterioso como continua a ser, tem recebido cuidadosos estudos e observações.

O Dr. Alexandre Friedmann, matemático russo, baseado na teoria da relatividade de Einstein, imaginou o universo como uma imensa bola de hidrogênio, que se expandiria indefinidamente, de modo a atingir distâncias quase infinitas, dada a capacidade dilatadora do hidrogênio. Mais tarde, o Dr. H. P. Robertson, da Universidade da Califórnia, informou, com a ajuda do maravilhoso telescópio, que esta expansão ainda continua e continuará indefinidamente. As distâncias são de tal proporção, que as que separam os nossos planetas uns dos outros são como nada; e saiba-se que a distância entre um planeta e outro, como seja o caso do nosso Netuno, que é 103 vezes maior que a terra, é apenas de 1 bilhão e cento e cinqüenta milhões de léguas de nossa terra. Das distâncias entre Netuno e Plutão nada se sabe por enquanto, muito menos de outros planetas que possivelmente povoam o espaço. O Dr. Edwin P. Huble, do Observatório de Monte Wilson, nos informa que a distância que nos separa das galáxias é simplesmente incomensurável. A mais próxima de nós, denominada “Nuvens de Magalhães”, fica a 200.000 anos luz distante de nós. Imagine-se que se a luz percorre uma distância de

300.000 quilômetros por segundo, um ano luz tem 60s X 60m X 24h, que é um dia dos nossos, temos penas em um

dia luz a soma de 220.220.000.000, ou sejam, duzentos e vinte bilhões, duzentos e vinte milhões de quilômetros. As distâncias são de tal porte, que os cientistas não podem reduzi-las a algarismos, e por isso usam a denominação de “anos luz”. Pois bem, a mais próxima galáxia que temos está apenas 200.00 anos luz distante de nós. Assim, um raio de luz, vindo daquelas remotas distâncias, leva apenas
200.00 anos luz para atingir a terra desde que elas se formaram.
Feitas estas observações, quanto à dimensão do nosso universo e da matéria que ocupa, imagine-se, segundo a teoria da Grande Explosão, o ovo de hidrogênio, o universo se teria enchido de hidrogênio, que depois se teria convertido em hélio e este, por sua vez, em outros materiais. Por meio do telescópio instalado no Monte Palomar, na Califórnia, foi possível devassar o universo numa extensão ainda não conhecida. Mas uma coisa

parece estar fora de dúvida: a teoria da Grande Explosão parece condenada. Deve haver um outro meio de explicar o fenômeno do universo. Verificada a existência de metais, como ferro e outros, em nosso planeta, pergunta-se: “De onde vieram?” Se o ovo original era composto de hidrogênio, como é que se encontram outros elementos no espaço? Depois de 1938, diversos cientistas deram-se ao trabalho de explicar o problema e concluíram que as estrelas queimam hidrogênio, que, por sua vez, se converte em hélio, extraindo tremenda energia no curso dessa estrelas são uma espécie de fornos crematórios, de onde vem, ou veio, o suprimento de ferro, que enche as estranhas da nossa querida terra, especialmente Minas Gerais. Não seria eu que iria levantar dúvidas quanto às conclusões a que têm chegado e ainda chegarão os cientistas, mas apenas quero dizer que, se os mesmos que se encontram na terra, por que, então, não admitir que tanto a matéria das estrelas como a dos planetas seria a mesma que se encontraria na Nebulosa de Laplace ou na

declaração do Gênesis de que “no princípio criou Deus o céu e a terra?” Veja-se que o problema, tome a feição que tomar, tirem-se as conclusões que se quiser, torna ao ponto de partida, isto é, que a matéria que se encontra nas estrelas e nas galáxias deve se da mesma natureza da que nos deu a nossa querida terra.

O que resta a investigar desta teoria é o seguinte: Quando teria ocorrido a “Grande Explosão?” Ninguém sabe. O Gênesis diz apenas que foi no princípio e que nós entendemos ser o começo das coisas do universo. Crê-se que as estrelas que formam a nossa galáxia devem ter pelo menos 12 milhões de anos. E o Dr. William Fowler acredita que a síntese do urânio e tório, materiais muito estimados em nossa época, teria se dado nas estrelas, sendo depois estes elementos arremessados à terra em forma de poeira de urânio. É outra maneira de dizer a mesma coisa. Enquanto nós dizemos que a matéria criada por Deus encheu o universo e dela vieram as estrelas, as galáxias e tudo mais, os cientistas nos dizem que de lá é que vieram os minerais que se encontram na terra. Temos, então, que 12 bilhões de anos representam a idade do nosso mundo. Outros acham que menos de 50 a 70 bilhões de anos não bastam. Para nós tanto faz uma coisa como

outra, visto que ao certo mesmo ninguém sabe e possivelmente nunca se saberá.
Mas a tentativa de explicar o universo e a sua idade não termina. A Universidade de Cambridge, com auxílio de potente telescópio, afirma que os certos objetos encontrados nas galáxias, a que dão o nome de quazares, cuja luz é maior do que a de milhares de sóis, emite ondas que, quando forem devidamente medidas, darão a conhecer a idade do mundo. Esperaremos.
Os Drs. Robert Dicke e James Peeble, da Universidade de Princeton, nos EE.UU., nos informa que o nosso mundo ou universo está esfriando. Portanto, está envelhecendo e, por via deste fenômeno, será possível

chegar a conhecer quando começou, pois se for possível conhecer quantos anos levou para aquecer, também se poderá saber quanto tempo levará para esfriar. Afirmam que a mais antiga radiação, rodando pelo universo, deve estar chegando até nós agora, com uma onda de energia muito baixa. Qual teria sido a intensidade da onda original? Perguntam. Se puderem responder a esta pergunta, talvez se tenha encontrado o

"ovo de Colombo". Mas, quanto à origem destas ondas e que forcas as puseram em movimento, que dizem? Que os dados que temos até agora são insuficientes, embora se aguarde com paciência a chegada de outras luzes. Mais sensato é o Dr. Philip Morrison, da Universidade ou Instituto de Tecnologia de Massachusetts, quando aconselha os sábios a serem cautelosos em seus cálculos quanto à idade do universo e de como a matéria que se encontra nele se teria formado, afirmando: "Já nos enganamos demais. Não temos meios de medir o espaço, ocupados pelas galáxias, de maneira a podermos dizer qualquer coisa de monta. Estamos na infância d Cosmologia". Ora, viva o Dr. Morrison, pois se em nosso século, depois de tantas buscas, no uso de tantos implementos científicos, ainda estamos na infância do conhecimento, isto deve bastar para que os sábios tenham mesmo mais cuidado e não façam afirmativas superficiais. Quando a nós, crentes no Criador, nada temos a opor a estes estudos e investigações, pois só servirão para reforçar a nossa crença na declaração de Moisés: "No princípio criou Deus (Elohim) o céu e a terra". Pronto. Como criou, de que materiais, como se processou tudo isto, são

perguntas inocentes, que devem ser respondidas se pudermos.
Não deixa de ser interessante a declaração de Moisés se prestar a tantas indagações. Ele não perdeu tempo em dizer como Deus teria criado a matéria. Agora os sábios dizem que foi um ovo de hidrogênio, ovo que Laplace deu o nome de Nebulosa. Chame-se como quiser e estude-se

como puder, só uma verdade irrefutável fica: a matéria teve um começo, não é eterna. Só Deus é eterno. Tudo é muito maravilhoso, e à medida que a ciência avança em seus estudos, mais maravilhoso se tornará o universo. O que há pra lá das galáxias, os mundos que agora, segundo dizem, nos mandam raios cósmicos desconhecidos, sons misteriosos, tudo é muito maravilhoso, como maravilhoso é o sábio Criador de tudo. Pena que os cientistas se dêem a tantos esforços e não parem para admitir a intervenção divina no universo e lhe atribuam toda essa maravilha. Continua, pois, com a palavra o Dr. Moisés, o grande legislador dos hebreus. Devemos ao Gênesis, com a sua curta,

mas admirável narrativa, tanto da criação do universo como do homem e da vida, tudo que se conhece com segurança.

2. A Teoria do Equilíbrio

Apreciaremos, de relance, mais uma teoria moderna, que tende a explicar a função da vida espacial, com os seus movimentos de atração e repulsão, criação de novos sóis e apagamento de outros. Nos espaços, como na terra, nada pára, tudo se movimenta. Esta é a grande e fundamental lei da vida, quer para o nosso sistema planetário, quer para outros, pois se admitem que haja outros sistemas além do nosso, e cremos que assim seja.

A teoria do Equilíbrio baseia-se num fato comum. Há perfeito equilíbrio em tudo. “Nada se cria e nada se destrói: tudo se transforma”. No princípio, a matéria se estenderia como um vasto lençol, por uma superfície não conhecida. Esta matéria, em forma de ondas, iria se expandindo naturalmente, como se expandem os gases, até atingir distâncias infinitas. Continua a se expandir, sem necessidade de explosão alguma. Quando uma estrela envelhece, outra toma seu lugar. Quando uma

porção de hidrogênio se queima, outra nasce, porque segundo os

sábios o hidrogênio nasce do éter ou o oxigênio. É como uma folha de arvore que seca e cai. Ela vai movimentar outra força. Uma onda movimenta outra onda, e assim se mantém o equilíbrio do universo. Est teoria parece ser mais racional do que a outra da grande explosão, que, a meu ver é apenas uma maneira de dizer as mesmas coisas. Quando Deus criou a matéria, a teria criado em forma gasosa. Ela se solidificou depois à custa de movimentos incessantes, até tomar a forma esferóide que lhe conhecemos, e a parte que não está ainda em forma sólida mantém a sua forma original. Parece, então, que estamos todos de acordo, com uma diferença: nós aceitamos a criação de tudo, chame-se ovo, chame-se Nebulosa, chame-se como se quiser: a verdade é que tudo veio de Deus e tende para Deus.
O autor admite que Deus criou, quer na terra, quer no espaço, é para uso do homem. Por agora, mal podemos explorar a terra. Um dia, libertos do corpo desta morte, na linguagem do apostolo Paulo, poderemos então

apreciar melhor as belezas celestiais, quer as do céu propriamente ditas, quer as do universo. Não creio que Deus criasse qualquer coisa inútil ou desnecessária. Tudo deve ter a sua finalidade, e esta é a felicidade da sua criação. Poderíamos imaginar a vida na eternidade, andando sobre as nuvens, de galáxia em galáxia, de estrela em estrela, por esses mundos infinitos, quer dizer, sem fim! Louvado seja Deus, bondoso Criador, a que, ao escrever estas linhas, tributo meu Louvor!

3. A Teoria das Marés Cósmicas

Para responder às dificuldades das teorias apresentadas, especialmente a teoria de Laplace, quanto à disposição dos corpos celestes, surgiu uma outra teoria, denominada das Marés. Que seria isso? Admitindo a dificuldade de harmonizar a disparidade existente entre

diversos corpos celestes, que giram em sentido contrário aos corpos a que são atraídos, tais como as luas de Netuno, algumas, pelo menos, pois o que se

esperava era que todos os corpos celestes girassem no mesmo sentido, visto se haverem desmembrado do núcleo central, surgiu esta hipótese, que admite que uma onda de matéria em estão difuso teria passado pelo sol e arrebatado grande porção e com ela organizado ou formado sol e arrebatado grande porção e com ela organizado ou formado um outro planeta. As leis da física astronômica parecem não admitirem esta teoria, pois seria o mesmo que um corpo menor se atirar sobre um maior, para arrancar dele uma porção de matéria e atirá-la ao espaço e formar, assim, outro corpo. Isso parece contradizer tudo que se conhece sobre leis de atração e repulsão. Segundo Kepler, sábio alemão, os corpos se atraem na razão direta das suas massas e não na razão inversa do quadrado das distâncias. Portanto, um corpo menor não pode atrair um maior.

Fica sem explicação o problema do universo. De todas estas teorias, a que oferece maior racionalidade é a de Laplace, mas, infelizmente, ela está contradita por sua própria mecânica. Se fosse possível explicar por que alguns satélites giram em sentido contrário aos corpos a que estão atraídos, estaria sofrivelmente explicada a origem do universo. Esperemos até lá.

IV - PRÉ-HISTÓRIA

O Campo da história bíblica – O escritor se propusera a escrever sobre a História Bíblica, deve, antes de mais nada, considerar o campo que vai investigar. Tratar-se de um campo diferente do da História Geral. Este ocupa-se especialmente com as lutas políticas e sociais da raça humana, seus progressos e seus regressos.aquele preocupa-se com a história do ponto de vista da religião, das relações do homem com Deus. É um estudo da religião e da Revelação de Deus aos homens. Em uma palavra, deve o historiador bíblico procurar descobrir a vontade divina na História e o seu encaminhamento para o fim idealizado na própria criação. Nem porque a História Bíblica seja assim contemplada, deixa de ser menos preciosa; é a História Bíblica que se preocupa e se tem preocupado com as origens do gênero humano, com os seus progressos, com a sua decadência, procurando verificar todos estes resultados em função das relações do homem com Deus. Algumas das mais preciosas conquistas, no terreno da História têm justamente nascido desta investigação, e os que hoje podem contemplar os

achados preciosos dos tempos primevos agradeçam à Bíblia essas conquistas. Para o estudante da Bíblia, a história, que versa sobre este assunto tem ainda um outro valor: procura interpretar a Bíblia mesma em termos de história. A Revelação de Deus ao homem não foi dada à margem da História, como qualquer coisa que não fizesse parte da vida. Ao contrário, tudo que temos na sagrada revelação foi ministrado de acordo com as necessidades espirituais e sociais do homem. Logo, devemos estudar a Bíblia com o pensamento na História. Já se afirma hoje que o homem que não conhecer a História não pode entender a Bíblia. Assim, veremos. Quem conhecer a história do Egito,
dá Assíria, da Babilônia, do hiteus, dos filisteus e de todos os povos antigos, como poderá entender o que a Bíblia diz a respeito dessas nações desaparecidas? Quando os estudiosos ignoravam essa história, cometeram a loucura de acoimar a Bíblia de livro de lendas, de mitos e outros mimos, filhos da incredulidade. Depois que a história e Sargão I e as suas conquistas do país do Ocidente, Palestina, de Lugalzaggisi e, mais tarde, de Hamurabi, Chedorlaomer e outros se tornou conhecida, a Bíblia deixou de ser um livro de lendas, para se tornar o livro da pré-história. Depois que os

túmulos egípcios se abriram, para desvendar o mistérios das antiguidades egípcias e assim esclarecerem alguns capítulos obscuros dos historiadores, o grande Livro de Deus e da humanidade transformou-se no monumento que hoje representa para todas as inteligências. Os mal conhecidos hiteus, os Totmés egípcios, os Amenoteps, as Cartas de Tell-el- Amarna, os Ramesés e Mernefta, todos esses grandes vultos da antiguidade que deixaram registrada a sua passagem pela terra nas páginas da Bíblia, quando ignorados dos historiadores, constituíam objeto de remoque. Mas hoje não. Já figuram entre os grandes varões da antiguidade.

Conexão entre a história bíblica e a geral – Desejo preparar a mente do leitor para a conexão que existe entre os dois gêneros de história, para que não se suponha que há duas histórias. Há dois campos distintos, cada qual com o seu escopo e cada qual servindo a um determinado fim; mas um e outro completam-se, harmonizam-se. O historiador imparcial não desprezará evidência, alguma, venha de onde vier. Podemos dizer que nenhum historiador desprezará um fato simplesmente porque ele se encontra registrado na Bíblia. Isso pertenceu aos tempos da ignorância da história antiga.

O homem e o mundo – Não demorarei aqui tratando da criação d matéria, porque isso foi o objeto do capitulo anterior. Cabe-me apenas dizer que o mundo não é qualquer quebra-cabeça, uma coisa sem sentido objetivo. O mundo foi criado para o homem e só por ele poderá ser entendido. É o seu cenário de atividades. Noutro lugar tratarei das origens das raças humanas, dos seus comportamentos, da sua maneira de viver. As ciências correlatas estão, aos poucos, carreando subsídios para que o nosso campo se alargue e o conhecimento se espanda. A Paleontologia, ciência relativamente nova, vai nos dizendo como era o homem primitivo, quais eram os seus contornos cranianos, qual era a sua ocupação. Muito pouco do que conhecemos neste maravilhoso campo devemos a esta notável ciência. Mas a antropologia, com os estudos dos fosseis, das medidas cranianas, toráxicas e outras, vai nos dizendo se o homem era mesmo como a Bíblia e a religião ensinam, ou se era um misto de homem e de macaco. Os chamados fosseis, de que tanto se têm ocupado os cientistas e por meio dos quais se pretendia estabelecer um elo entre os símios e os antropóides, vão pertencendo a uma era passada e morta. O “homem de Piltdown”, o homem de Java, do Dr. Dubois,

"o Homo Perkins" e tantos outros "homens" das camadas geológicas já não atormentam muito os estudantes, e os professores universitários têm outros assuntos, mais interessantes, para apresentar aos seus alunos. Lembro do meu tempo de universitário na América o Norte, quando a teoria da evolução estava dominando e parecia mesmo que ia destruir a crença em Deus e na Bíblia. Recordo discursos de horas para provar que um dente encontrado nas escavações de certo estado era do pré-homem, não o homem das cavernas, mas intermediário entre o macaco e o homem. Anos depois, verificam os antropologistas que se tratava de dente de porco-do-mato e que teria havido ali um cemitério usado pelos índios "peles vermelhas". Como esta balela, tantas outras, que enchem bibliotecas. Teve de ver
um pobre professor batista ser enxotado de sua cátedra na Universidade de Waco, Texas, por esposar tais idéias.

Não desmerecemos os fosseis e a contribuição que têm dado ao esclarecimento do homem primitivo e da sua ocupação. Admiramos mesmo os Drs. Agostinho Isídoro, médico e pastor português, Edmundo da Cunha Serra, Joaquim Rodrigues e tantos outros, pelos

estudos antropológicos que realizaram em diversos lugares em Portugal.

Respeitamos a sua paciência em colher subsídios para reconstrução do homem primitivo em Portugal, assim como agradecemos a tantos outros, inclusive ao Dr. M. J. Aitken, por sua contribuição ao estudo das idades do mediante a aplicação do carbono. Com tais estudos, vai ficando claro o campo de observações do homem e do seu mundo e nós vamos ficando mais cientes de que, quaisquer que tivessem sido as condições do homem primitivo, se morando numa caverna ou numa palhoça fluvial, era o homem como a Bíblia no-lo apresenta. Os fosseis, pois, foram obrigados a dar a sua identidade, e a conclusão a que estas ciências chegaram é de que há uma profunda analogia, para não dizermos harmonia, entre os ensinos da Bíblia e os da ciência. Alegavam os sábios que Moisés não poderia ter escrito tais coisas, porque no seu tempo nem a escrita tinha sido inventada e que, portanto, a Bíblia, com a sua cosmogania, não merecia maior atenção. Hoje sabe-se que Moisés sabia escrever, e até se afirma que ele foi o inventor do alfabeto, o que por tantos anos foi creditado aos fenícios. Podemos afirmar que os fenícios receberam o

alfabeto dos midianitas, onde Moisés morou por 40 anos, e que os primeiros traços de alfabeto encontra-se nas ruínas do templo de Serabite, no Monte Sinai. Os que se apressaram a desdizer ou desacreditar toda a historia de Gênesis foram obrigados a rever as suas conclusões, e hoje, graças aos estudos da arqueologia, o que era julgado impossível tornou-se realidade.

As cosmogania caldaica, chinesa, assíria, grega etc. têm a mesma natural origem da cosmogania mosaica, com a diferença de que Moisés recebeu a sua doutrina de uma fonte pura, enquanto os escritores pré-históricos a receberam tradicionalmente e por vias indiretas. Assim mesmo, qualquer estudante paciente poderá averiguar que as semelhanças são tão flagrantes que não podem deixar de denunciar uma origem comum. Deus criou o mundo, e os primitivos habitantes da terra souberam disso, e, a despeito de tudo que ocorreu nos dias primitivos, esta história não se perdeu.

Paralelismo entre o Gênesis e a ciência – Não está no escopo desta obra entrar na apreciação da analogia que existe entre as narrativas mosaica da criação e as mais recentes conclusões da Geologia e da Paleontologia. Apenas, para não passar em claro, daremos um breve

esquema que, por certo, não será de todo improcedente. Os leitores que possuem cursos adiantados de geologia e outras ciências correlatas, poderão suplementar as conclusões dadas aqui; os que não possuem tais conhecimentos poderão ver, pelo quadro dado, como Moisés se adiantou alguns milênios aos mais famosos cientistas de nossos dias. Conclui-se, deste fato, que Moisés só poderia dar-nos o seu admirável esquema, sendo iluminado por Deus.

O estudante poderá verificar por si, que o aparecimento do homem, o maior problema que a inteligência humana tem enfrentado, deve ter ocorrido, segundo todas as probabilidades, no Quaternário Moderno, ou seja, na segunda parte do Sexto dia. Os que pensam ser o homem filho do Quaternário Antigo, também chamado Pleistóceno, poucas provas podem apresentar. Não convém pensar que a Geologia e a Paleontologia já nos deram as últimas conclusões a respeito das primeiras coisas que se passaram na terra. Convém ser cauteloso, e assim, procedem todos os que desejam apenas a verdade, a não fantasias.

O homem e a sua ocupação – O homem apareceu, como sabemos, no ápice da criação. Muita se tem dito da história do Jardim do Éden e da sua impossível verificação. A Bíblia diz simplesmente que Deus criou o homem e lhe deu o jardim para cultivar. Quatro rios o regavam, dois dos quais existem hoje – o Tigre e oi Eufrates – faltando, portanto, o Guiom, que rodeava a terra de Cuche, e o Pison, que rodeava a terra de Havilá. A terra de Cuche é ordinariamente limitada pela África, mas os cuchitas espalharam-se pela Ásia distante e povoaram o que é hoje a China e o Japão e as ilhas da Oceania. Portanto, não temos que aceitar seja a terra de Cuche a África apenas. A terra de Havilá, segundo algumas, é a região limítrofe do Mar Negro; e, teria como limites o território de Babilônia, possivelmente o Egito e as regiões do Mar Negro. Objeta- se que esta região é demasiado vasta para um lugar determinado e limitado, e por isso tem sido aventada a possibilidade de os dois rios, que não se encontram na geografia moderna, terem desaparecido no curso da História, como tantos outros, devido às contínuas modificações que a crosta terrestre tem sofrido. Talvez, mesmo, eles desaparecessem por ocasião do dilúvio. De qualquer forma, o relato bíblico

do aparecimento do homem nas regiões mesopotâmicas não pode ser facilmente invalidado. A possibilidade de Pisom ser identificado com o Kizil-Ermak, que desemboca no Mar Negro, é aceitável. O seu curso e imediações deve identificar-se com o do antigo Golshis, que era tão celebrado pelo seu ouro e pedras preciosas, para onde se dirigiam os celebrados Argonautas da Tessália. A pedra ônix e o bdélio, que alguns identificam com a pérola, são abundantes nestas regiões. O distrito é mesmo um jardim cheio de lindos vales e pomares. Uma das montanhas onde o Eufrates nasce, chama-se Jaghi Tagh ou “Montanha das Flores”. Os jardins produzem abundantemente uvas, laranjas, tangerinas e muitas frutas tropicais. Na parte oriental do Lago Van, as águas são emolduradas com tamarindos, murtas, oleandros, dando ao lugar os constantemente azul. Perto ficam os montes do Arará, onde a arca de Noé topou. O conjunto é de tal modo impressionante que, se a descrição do jardim da Bíblia é linda, o panorama dessas regiões não é o menos. Seria bastante que os leitores admirassem as páginas de Chesney na obra Expedition to The Eufrates, Vol. I, p 274. do fato do jardim do Éden estabelece-se outro problema: o da origem do gênero humano.

Os monogenistas e os poligenistas – Para agravar mais a situação, alguns eruditos têm procurado estabelecer a doutrina do poliganismo, e com isso deram mão forte ao Darwinismo, com a sua doutrina da evolução das espécies. Os antropologistas modernos estão abandonando, pouco a pouco, essa teoria, pela incapacidade de produzirem qualquer argumento sóbrio em seu favor. Os poligenistas Klaatsch, Sergi, Sera e outros nenhuma prova apresentam e estão até desacreditados, por falta de provas.

As arvores genealógicas de Dubois, Pilgrim e outros são contraditórios, e nem a teoria de Klaatsch, das ondas humanas, uma acidental e outra oriental, pode subsistir. Uns querem que o homem se derive do antropóide (Klaatsch), outros, dos catarrínios (Sera), outros, ainda, de outros troncos. Afinal, verifica-se que toda a celeuma levantada em torno de certos fósseis e certas analogias com os antropóides não passa de em tempestade em copo d'água. Dubois afirmara que o homem provinha do Pithecanthropus Erectus, mas depois que estudos mais acurados foram feitos, todo esse castelo veio abaixo. Mendes Corrêa, depois de examinar exaustivamente o

assunto, mesmo sem se converter inteiramente ao monogenismo, admite que o homem não é oriundo das Américas, como pensava o argentino Ameghino, e que tudo indica a sua vinda do Oriente. Os sociólogos também não entretêm dúvidas quanto às correntes migratórias vindas do Oriente. O que é certo, como já vimos no tópico 4, é que o homem apareceu no quaternário moderno ou, quando muito no fim do terciário. Os fósseis de Combe-Capele, Grimaldi, Cro-Magnon e Chancelade não deixam muita dúvida quanto à falsidade científica da evolução da espécie humana.assim a doutrina da origem do homem e a sua capacidade para cultivar a terra não podem mais sofrer dúvidas. Com o progresso das ciências, a Bíblia vai se firmando no conceito dos sábios, embora dispense esse conceito. O homem apareceu agricultor e em pouco tempo os seus descendentes revelaram-se artistas, músicos e historiadores, como se pode verificar dos documentos que nos vêm de seis milênios ou mais antes de Cristo.

Reflexos da história da criação da caldéia – “O Gênesis Cladeu” é o nome dado por George Smith a uma série de trabalhos encontrados nas ruínas da antiga e

renomada cidade de Nínive. Em suas escavações, descobrir diversos tabletes contendo caracteres cuneiformes que, depois de devidamente decifrados, verificou-se conterem uma história bíblica. “A história, tanto quanto eu sou capaz de julgar, concorda, em geral, com o Gênesis, mas revela traços de uma história muito mais desenvolvida”. Um dos tabletes decifrados diz: “Quando os céus acima não estavam ainda formados, e, embaixo, na terra, as plantas não tinham crescido, o abismo também não tinha ainda sido limitado, o caos (a água), Tiamat (o mar) eram a força criadora de todos eles”.

Uma outra linha reza: “Era glorioso ver como foi preparado pelos grandes deuses”, o que concorda com o verso de Gênesis: “e viu Deus tudo o que tinha feito e eis que era muito bom”. Outro fragmento diz: “O gado do campo, as bestas-feras e os reptis do campo…”, concordando com Gênesis no verso 21 do cap. primeiro. Outros fragmentos tratam do homem e das genealogias humanas. O poema foi preparado de modo a concordar com os dias da criação, havendo, nesse particular, apenas ligeiras divergências. Em alguns fragmentos encontra-se a legenda de que o primeiro homem se

chamava Admi ou Adami, que significa raça escura, cor da terra.
Queda de Satanás – Num documento assírio, também se encontrou uma tradição da criação bastante aproximada do Gênesis. Entretanto, o documento mais notável a este respeito é o que se refere à queda de Satanás, que é descrita em termos poéticos admiráveis.

O sábado caldeu – O sábado caldeu é outra coisa significativa. O mês era dividido em duas metades, de quinze dias cada uma, com subdivisão de cinco dias; mas havia também uma outra maneira de contar os dias, consistindo de sete cada grupo.

Os dias da semana tiveram os nomes dos planetas, costume que se generalizou até atingir os tempos modernos. Os nomes dos dias da semana em inglês, espanhol, francês etc. ainda obedecem ao costume caldeu. O sétimo dia, o décimo quarto, o vigésimo primeiro e o vigésimo oitavo eram chamados sábados, os dias de descanso, quando o rei era proibido de comer coisas cozidas ou carne, de mudar de roupa ou usar roupagens vistosas, e não podia viajar de carruagem ou julgar o povo, passar em revista as

tropas, ou mesmo tomar remédio, no caso de se sentir doente.

Comparando as exigências mosaicas a respeito do sábado com as caldaicas, verifica-se a sua perfeita analogia. O mesmo poderíamos dizer do sábado egípcio e das outras tradições orientais.

Tradições da queda do homem – Também neste particular os caldeus tinham as suas tradições. O dragão de Timat, o deus do mar, é ligado à queda, como a serpente bíblica. A forma deste dragão, segundo alguns poemas, é apresentada com cabeça de animal, carnívoro, o corpo coberto de escamas, pernas providas de presas como da águia e asas. Encontram-se no Museu Britânico alguns tipos expressivos destes animais mitológicos, entre eles um que contém duas figuras assentadas, uma década lado de uma árvore, tendo uma delas um fruto na mão, e

por detrás, uma serpente. De acordo com a concepção caldaica, o dragão, que leva o homem a pecar, é uma criatura de Tiamat, o princípio vivente do mar e do caos, e é uma encarnação do princípio da desordem e do

caos, que se opunha ao princípio da criação e da ordem.

V - O QUE É ARQUEOLOGIA BÍBLICA?

Dentro da ciência da arqueologia, que rapidamente se desenvolve, o estudo especial da arqueologia bíblica seleciona aquele material remanescente da palestina e países limítrofes que relacionam o período bíblico à sua narrativa. Esse material inclui os restos dos edifícios, artes, inscrições e qualquer artefato que ajude a compreender a história, a vida e os costumes dos hebreus, e daqueles povos que, à semelhança dos egípcios, fenícios, sírios, assírios e babilônicos, entraram em contato com eles e puderam influenciá-los.
A razão para o crescente entusiasmo pela arqueologia bíblica não é difícil de ser encontrada. Reside na suprema importância da mensagem e significado da Bíblia em si mesma. As Escrituras, em virtude do caráter que têm, como a revelação inspirada de Deus ao homem, satisfazendo as mais prementes necessidades humanas, hoje, como no passado, alcançaram,

inevitavelmente, uma posição de supremacia nos interesses e nas afeições da humanidade. Nenhum outro livro se pode comparar aos Escritos Sagrados no chamar a atenção do homem ou em ministrar às suas necessidades.

A arqueologia bíblica, lançando luz sobre o panorama histórico e a vida contemporânea da época em que as Escrituras Sagradas foram produzidas, bem como iluminando e ilustrando as suas páginas com as suas verdadeiramente notáveis descobertas, necessariamente deve muito ao interesse que ela se presta, à sua conexão com a Bíblia. Ela então dá à arqueologia o significativo apoio para as descobertas.

O interesse pelos lugares e tempos mencionados na Bíblia proveu o incentivo inicial para muitas das primeiras escavações, e o quadro lato do pano de fundo histórico, religioso e ético da Bíblia, atualmente, às descobertas arqueológicas muitos têm contribuído para explicar, ilustrar e, algumas vezes, corroborar as declarações bíblicas e contradizer teorias insuficientemente baseadas nos fatos.

VI - ARQUEOLOGIA E O ANTIGO TESTAMENTO

A arqueologia bíblica muito tem contribuído para explicar, corroborar as declarações bíblicas e contradizer teorias insuficientemente baseadas nos fatos.

O que é o Antigo Testamento e o que ele realiza no seu ministério, para com a humanidade é o segredo do seu permanente interesse. Mui freqüentemente, o erudito e o arqueólogo profissional focalizam a sua atenção de maneira tão absorvente sobre os fundamentos e a estrutura do Velho Testamento, e se ocupam tão detalhadamente em examinar, individualmente, as pedras que compõem a sua construção, que perdem de vista ou falham completamente em vê-lo como um todo, e como o magnificente templo da verdade que ele é. Portanto, o Antigo Testamento tem se tornado um livro novo à medida que a arqueologia tem-no tornado mais compreensível, colocando-o diante do iluminador pano de fundo das circunstâncias em que foi escrito,

relacionando-o com a vida e os costumes do qual emergiu. Este é o papel mais importante da arqueologia no estudo do Antigo Testamento. Ela tem alcançado resultados notáveis até o presente, e apresenta grandes promessas de ainda maiores contribuições no futuro à medida que a pesquisa das terras bíblicas continuar.

VII - OS PERÍODOS ARQUEOLÓGICOS

A arqueologia estabeleceu a divisão da Pré-História em períodos Paleolítico, Mesolítico e Neolítico, baseada no fato de que em cada um desses períodos o homem produzia de uma determinada forma os seus meios de subsistência. Desse modo, no período Paleolítico (que significa: Idade da Antiga Pedra), o homem manufaturava os seus instrumentos, lascando uma pedra para conseguir um instrumento cortante, que era utilizado como arma de caça ou de defesa. No período Mesolítico, o homem utilizava ainda os instrumentos de pedra lascada e, em menor quantidade, instrumentos de pedra polida. No período Neolítico (Idade da Pedra

Moderna), o homem utilizava os instrumentos de pedra polida como arma de caça e de defesa.

A IDADE DA PEDRA
A IDADE DA CALCOLÍTICA DO COBRE A IDADE DO BRONZE
A IDADE DO FERRO

1. Idade da Pedra – Pré-História

paleolítica - idade da pedra antiga - 250.000 a.C. mesolítica - idade da pedra média - 10.000 a.C. neolítica - idade da pedra moderna – 6.000 a.C. a – pré-cerâmica – 7.000 a.C.
b - cerâmica - 5.000 a.C.

Instrumentos paleolíticos têm sido encontrados em certos números de locais e cavernas (carmelo, evrom, orem) na palestina, mas pouco se sabe sobre os progressos culturais até que os caçadores “natufianos”,

mesolíticos, são encontrados a construir casas com subestruturas de pedra (Emiam). Não possuindo metais, esses povos usavam instrumentos de pederneiras e viviam principalmente de caça, mais tarde adotando a agricultura e a domesticação de animais. Faziam figurinhas moldadas, de forma incomum, com lama, ossos ou pedra. Os sítios neolíticos são encontrados perto do Jordão, na Galiléia (Yarmuk e Sha'Ar Haggolan). Uma impressionante torre e defesa de pedra(em Jericó), de período anterior ao do conhecimento da cerâmica, e os notáveis crânios e figurinhas em uniforme, encontrados em Megido, Jericó, Siquém, Taanasque, Tellelhes, Geser e Hazor (pote).
As práticas religiosas dos cananeus podem ser vistas em muitas placas de "Astarte", encontradas durante as escavações, nos templos de Laquis, Megido e Siquém, e nas representações de baal, incluindo aquela que aparece num selo cilíndrico de Betel de 1.300 a.C.

2. A Idade do Ferro: (Israelita).

Por volta de 1.220 a.C., uma cerâmica fabricada no local e altamente decorada, semelhante em estilo àquela encontrada em Chipre e Rodes, foi encontrada acima

das cinzas em Asquelom e noutras localidades costeiras entre Wadi Ghazzeh e Jaffa, mostrando que os invasores haviam destruído e então ocupado as cidades dos cananeus. Isso é evidência convincente acerca da chegada dos filisteus entre os “povos marítimos” que anteriormente se tinham estabelecido a leste de Chipre, e provavelmente também determinados pontos das praias da Palestina. Essa cerâmica, executando a pequena quantidade achada, mas atribuída ao comércio, não é encontrada inicialmente nas colinas centrais (Gibeá, Jerusalém, Bete-Ur, Tell en- Nasbeh), mas, por volta de 1.050 a.C. Têm sido descobertos traços de suas incursões até Silo e Bete-Seã. Estes filisteus foram os primeiros povos a usar o ferro na

Palestina (uma adaga de ferro e uma faca, encontrada numa tumba de tell-el-Fará), enquanto os israelitas foram lentos em quebrar este monopólio e sua conseqüente superioridade econômica (1 Sm 13:18-22).

VIII - DOCUMENTOS E OBJETOS ARQUEOLÓGICOS

São elementos que entregam uma cultura arqueológica: É o estudo dos artefatos, dos restos dos materiais. Essas formas recebem um nome (nomenclatura), que pode referir-se ao local do achado inicial (onde foram achados pela primeira vez), como por exemplo “pontas de Folson”. Além do nome, essas formas são classificadas por tipo; exemplo: facas, raspadores, vasos, tigelas etc.

Essa classificação dos tipos (tipologia) é um dos principais meios de trabalho dos técnicos, e caracteriza mesmo um método de estudo da pré-história (método arqueológico).

A maior parte das notáveis descobertas que tinham conexão com a Bíblia, e particularmente com o Antigo Testamento, não foram feitas até mais ou menos meio século atrás. Achados tais como o Código de Hamurabi (1901), o Papiro Elefantino (1903), os monumentos hititas em Bogazqueui (1906), o túmulo de Tutankhamun (1922), o Sarcófago de Abirão de Biblos (1923), os textos de Ras Shama (1929-1937), as Cartas de Mari, o

Óstraco de Laquis (1935-1938) e os “Rolos do Mar Morto” (1947), são famosos, em grande parte, devido à sua íntima conexão com a literatura e a história do Antigo Testamento.

1. O Documento Histórico Mais Antigo

A Placa da fundação de Anipada é uma placa de mármore de 7 por 10 centímetros. Foi achada por Wooley (1923) na pedra angular de um templo em Obeide, 6 km a

oeste de Ur. Tem esta inscrição: “Anipada, rei de Ur, filho de Messanipada, construiu este para sua senhora Nin- Kharsag” (Deusa-Mãe). Essa placa acha-se agora no Museu Britânico.
A inscrição foi proclamada como “O Documento Histórico mais Antigo” que já se havia descoberto. Uma profusão de placas mais velhas tinha sido descoberta, mas esse era o registro escrito mais antigo de um evento contemporâneo. Assinala a linha divisória, nos

anais babilônicos, entre os períodos “histórico” e “pré-histórico”.

2. Ostracas

Cacos de vasos ou ostracas eram outro material de escrita bastante comum, visto que seu baixo preço, e disponibilidade fácil, tornavam-no especialmente útil para a escrituração de memorandos breves com pena ou pincel a tinta. É o conceito de origem e desenvolvimento do universo.

3. Pedra de Roseta

É um tablete de marfim com escritas históricas do Egito. A pedra de roseta é a chave com a qual os eruditos decifraram os hieróglifos, e obtiveram um melhor conhecimento da antiga civilização egípcia.
A pedra de roseta era um decreto bilíngüe de Ptolomeu V, de 196 a.C.

4. Código Hamurabi

Hamarubi foi rei da Babilônia de 1792-1750 a.C., o sexto e o maior governante da primeira dinastia de reis babilônicos, seu nome significa “Amu é grande” (Amu era o nome de um

dos amorreus ou cananeus orientais). É comumente identificado pelos assiriólogos com o “Anrafel” de Gn. 14, um dos reis que Abraão perseguiu para libertar Ló. Foi um dos maiores e mais célebres dos primitivos babilônicos. Fez seus escribas coligir e codificar as leis do seu reino; e fez que estas se gravassem em pedras para serem erigidas nas principais cidades.

Hamarubi legou a sua posteridade uma obra extraordinária chamada “código de Hamurabi”.

À parte sua importância como figura da história, seus remanescentes literários, como o código, as suas cartas pessoais e as suas edificações dedicatórias constituem um de nossos mais preciosos legados do mundo antigo. Podemos interferir pelo código que Hamurabi tinha forte senso de justiça.

Por suas atividades na construção de templos e sua provisão nas ricas ofertas, parece ter tido uma forte tendência religiosa.

Dentro da ciência da arqueologia, que rapidamente se desenvolve, o estudo especial da “Arqueologia bíblica” seleciona aquele material remanescente da palestina e países limítrofes que se relaciona com o período bíblico e sua narrativa. Esse material inclui o rosto de edifícios, artes, inscrições e qualquer artefato que ajude a compreender a história, a vida e os costumes dos hebreus e daqueles povos que, à semelhança dos egípcios, fenícios, sírios, assírios e babilônicos, entraram em contato com eles e puderam influenciá-los.

A fama de Hamurabi não depende de suas conquistas militares, mas antes em sua obra como legislador e administrador. A cópia restante de seu famoso código legal é uma estrela de diorita negra com 2,45m de altura, descoberta em susa, em 1902, para onde foi levada como despojo. Três coleções de leis, mais antigas, são conhecidas: a de Ur-Namu, em Sumério, perto do fim do terceiro milênio; a de Bilalama, de Esmuna, em Acádio,

cerca de 100 anos mais tarde; e novamente, cerca de 150 anos mais, a de Lipite-Istar, que remete a um idioma sumério. O código de Hamurabi, tanto em linguagem como em escopo, ultrapassa em muito a quaisquer de seus predecessores, dos quais, entretanto, aproveita certos pontos. O idioma usado, o acadinho, já estava completamente organizado gramaticalmente, e bem poderia ser chamado clássico.

A parte superior da estrela é ocupada com um relevo representado Hamurabi, com sua mão direita elevada em atitude de súplica, de pé perante samase, o deus-sol, cujo principal papel era o de juiz. O deus, cujos pés estão alcançando sobre montes convencionalizados, está no ato de representar ao rei o cetro e o anel.

No prolongado prólogo do código, e no epílogo ainda mais longo, abundam títulos e epítetos bombásticos. Hamurabi é chamado de pastor do povo, e pai de todos eles. É denominado protetor dos fracos e defensor dos oprimidos. O estado, declara ele, tem a intenção de prover uma declaração pública de justiça para todos os cidadãos.

Os 282 parágrafos do código tratam não somente de leis criminais, mas também contém muito que se refere

às leis civis e comerciais . A lista de crimes difere bem pouco da que é encontrada em qualquer outro código, antigo ou moderno. Uma omissão inesperada é não haver referência ao homicídio geral.
As formas de punição, igualmente, são aquelas comuns a todos os períodos. Punição capital (em alguns casos por fogueiras, ou traspassar com lança, ou por afogamentos), flagelação, mutilação ou multas em dinheiro ou propriedades. A privação da liberdade, quer por aprisionamento quer por exílio, ainda não se tornara um modo de punição. Embora de forma alguma as mulheres sejam consideradas no mesmo pé de igualdade com os homens, são-lhes dado, não obstante, consideráveis direitos.

5. As Tábuas da Criação

Certos arqueólogos encontraram dois selos antigos perto de Nínive, representativos de uma cena que sugere a história da tentação. No centro há uma árvore;

à direita, há um homem, à esquerda, uma mulher, e atrás, uma serpente erguida, em atitude de falar-lhe.

Embora não tenham encontrado nenhum texto babilônico que descreva a tentação no Éden, diferentes epopéias da criação, escritas sobre tábuas de barro, foram encontradas nas ruínas de Babilônia, Nínive, Nípur e Assur. Contém certas semelhanças com o relato do Gênesis. São sete tabuinhas que descrevem um "abismo" de águas; contam que no quarto dia foram ordenadas às estrelas, e que o homem foi de barro. Mas há grandes diferenças entre essas epopéias e o relato de Gênesis.

A arqueologia tem como objetivo principal trazer à tona toda a história antiga e reconstrução da mesma, através de métodos desenvolvidos pela antropologia cultural, principalmente no que concerne a certas técnicas da interpretação, para serem reconstruídos a história do ser humano, o seu passado, as suas tradições e culturas, modos de sociedades, meios de sobrevivência, que ocuparam determinado lugar no espaço e esteve situado no tempo.

Com este objetivo, a arqueologia é considerada uma especialidade da antropologia ou uma maneira de fazer história, seus objetivos são basicamente a de reconstruir

imagens da vida através de evidências materiais que restaram do passado.

Portanto, o discurso da arqueologia consegue defender o seu propósito, tendo como interesse principal a reconstituição das fases iniciais da cultura do homem.

6. A Escrita

A invenção da escrita propiciou o desenvolvimento da literatura. A escrita ideográfica, nascida no Egito, iria evoluir para o alfabeto fonético com os fenícios. Utilizando três formas de escrita (hieroglífica e demótica), os egípcios deixaram-nos obras religiosas como o livro dos mortos e o hino do sol, além da literatura popular de contos e lendas. A decifração da escrita egípcia foi feita por Jean-François Champollion que, observando e comparando os diversos tipos de escritas encontradas em um achado arqueológico, estabeleceu um método de leitura graças ao grego arcaico, que também se encontrava no texto. Surgiu assim a ciência conhecida como egiptologia que vem constantemente evoluindo com novas descobertas e restaurações.

As ciências exatas também tiveram oportunidades de expansão, uma vez que as necessidades de ordem prática forçaram o desenvolvimento da astronomia e da matemática. A geometria se desenvolveu pela necessidade de se dividirem as terras de maneira igualitária.

A medicina, por sua vez, está de certa forma ligada à própria prática da mumificação, o que a levou a um desenvolvimento razoável; por outro lado, a farmacopéia egípcia notabilizou-se por sua variedade. Havia instituições de sacerdotes=médicos, e os papiros atestam o regular conhecimento de doenças e a própria especialização da classe médica.

A literatura religiosa e de sabedoria são os produtos literários mais bem conhecidos do reino antigo e do primeiro período intermediário.

Os grandes sábios Imotepe, Hardifief, Kagemi e Ptahotepe, produziram instruções ou ensinos, coleções escritas de máximas de grandes perspicácias, para a conduta sábia na vida diária, especialmente para os jovens que aspiravam altas posições, o que assim deu início a uma antiquíssima tradição no Egito.

Halley apresenta sinteticamente a origem da escrita como a Antediluviana, Pictográfica, Cuneiforme e Alfabética.

Numa tradição babilônica havia o Noé babilônico, que enterrara os Sagrados Escritos antes do dilúvio, em placas de barro cozido, em Sipar, e depois desenterrara. Havia também uma tradição entre árabes e judeus de que Enoque fora o inventor da escrita, e que deixara alguns escritos. Antigo rei babilônico deixou registrado que “gostava de ler os escritos da época do dilúvio.” Assurbanipal, fundador da grande biblioteca de Nínive, referiu-se a “inscrições de antes do dilúvio”.

A Escrita Pictográfica apareceu pela primeira vez quando Deus pôs uma “marca” ou “sinal” em Caim. Essa marca representava uma idéia. Assim, “marcas”, “sinais”, “figuras” passaram a ser usadas para registrar idéias, palavras e combinações de palavras.

A Escrita Cuneiforme representava uma palavra inteira ou uma combinação de palavras. Desenvolvendo-se a arte de escrever, passou a haver “marcas” que representavam partes de palavras ou sílabas.

A Escrita Alfabética teve outro avanço: as “marcas” passaram a representar partes de sílabas, ou letras,

forma grandemente simplificada de escrita, na qual, com 26 marcas diferentes podia-se expressar todas as diferentes palavras que, no sistema cuneiforme, eram expressas por 500 marcas. A escrita alfabética começou antes de 1500 a.C.

7. O Valor Das Placas de Tel-El-Amarna

Em 1887, uma importante descoberta nesta região de Tel- el-amarna trouxe grande esclarecimento sobre os escritos, a história, a política, as relações comerciais, assim como a educação e os costumes das terras bíblicas.

Posteriormente, foram encontradas, naquele local, mais de 350 pequenas tábuas de barro com inscrições cuneiformes, a maior parte das quais era cartas pessoais e despachos de reis.
Estas pequenas tábuas usam com freqüência o nome Khabiri e Habiru, quando se referem aos que estavam invadindo o país. Muitos eruditos crêem que tanto Khabiri e Habiru eram os hebreus, e grande parte do

material coincide com a data antecipada (ano 1.400 a.C.) do começo da conquista hebraica de Canaã, sob a liderança de Josué.
Diante disto, alguns eruditos têm comentado: “Aqui temos uma história da conquista de Canaã por Josué, segundo a versão do inimigo”.

8. O Dilúvio

01 Tablete sumeriano de Nipur, do sul da Babilônia, relato como certo rei, Ziusudolu, tem sido advertido a respeito do dilúvio.
O mesmo relato se encontra em versões acadianas, tanto da Babilônia como da Assíria, em mais de uma composição. Uma dessas, o épico de Athanasis, descreve um dilúvio.
O mais bem conhecido desses relatos dum dilúvio é em acadiano, que exibe afinidades com o relato sumeriano, formando parte do tablete XI de uma composição maior, o épico de Gilgamés.
A Narrativa Sumária do Dilúvio.

Um tablete sumariano de Nipur, do sul da Babilônia, relata como certo rei, Ziusuddu, tendo sido advertido

sobre a aproximação do dilúvio, que a assembléia dos deuses decretara a fim de destruir a humanidade, edificou um grande barco e escapou das águas.

Este tablete data cerca de 2.000 a.C., mas provavelmente a história já era conhecida na Mesopotânia muitos séculos antes disso.
A Narrativa Babilônica do Dilúvio.

O mesmo relato encontra-se em versões em acadiano, tanto da Babilônia como da Assíria, em mais de uma composição. Uma dessas, épico de Alhahasis, descreve um dilúvio, enviado entre outros fenômenos destruidores, a fim de expugar a humanidade. Porém, o mais conhecido desses relatos dum dilúvio é em acadiano, que exibe afinidades com o relato sumeriano, formando parte do tablete XI de uma composição maior, o épico de Gilgamés . Nessa versão, o sobrevivente, chamado Uta-Napishtim, descreve para Gilgamés como deus É e advertiu-o sobre o dilúvio imanente, em vista do que construiu um barco no qual abrigou toda a sua família, além de artesãos, animais domésticos e

selvagens, e tesouros de ouro e prata. O dilúvio durou sete dias, e o bote terminou encalhando no monte Nissir (no noroeste da Pérsia), quando então Uta- Napishtim enviou sucessivamente uma pomba, uma andorinha e um corvo, e quando o corvo não retornou, os ocupantes desembarcaram. Uta-Napishtim fez um sacrifício, e os deuses se reuniram como moscas em redor do mesmo.

9. As Nações Camitas

Estas nações que descenderam de Cão, filho de Noé: Cuxe = Etiópia; Sebá = Sabá (no sul da arábia); Dedã = Dedã (no norte da Arábia); Mizraim = Egito; Ludim = Lidia(?); Filisteus = Filisteus; Caftorim = Cretnases; Pute = Libia; Canaã = Canaã; Sidom = Sidom; Hete = Hititas; Amorreus; Amorreus = Amorreus; Heveus = Hurrianos; Hamateus = Hamateus.

Sob Ninrode, fala-se que o início de seu reino foi Sinear = Babilônia, onde ele governava em Babel = Babilônia, Ereque = Uraque, e Acabe = Agade, e Calné, possivelmente deve ser vocalizado Kullanã; as três

primeiras eram cidades importantes do sul da mesopotânia, embora o local de Agade continue sendo desconhecido.
De conformidade com a situação revelada nas inscrições extra-bíblicas, as afirmações de que os habitantes da Mesopotânea (Ninrode) vieram da Etiópia, e de que os filisteus e cretenses vieram do Egito, poderiam parecer errôneas, mas a natureza e as origens de todos os elementos da população primitiva da Mesopotâmia ainda são obscuras, e as antigas ligações do Egito com creta e com a área do mar Egeu demonstram a possibilidade de contatos anteriores que ficaram registrados.

10. A Torre de Babel

A cidade de Babel foi edificada na planície que se encontra entre os rios Tigre e Eufrates. Porque desagradou a Deus, a construção da torre de Babel?
Os homens passaram por alto o mandamento de que deviam espalhar-se e encher a terra (Gn. 9.1, 11.4); um dos motivos que os impulsionaram, e pelo qual levaram a cabo a construção, era que desejavam permanecer unido. Sabiam que os edifícios permanentes e uma

coletividade firmemente estabelecida produziria um modelo comum de vida que os ajudaria a permanecer juntos.
Foram motivados pela intenção de exaltação pessoal (façamo-nos um nome – disseram) e de culto ao poder, que posteriormente caracterizou a Babil6onia. Uma torre elevada, e visível a todas as nações, seria um símbolo de sua grandeza e de seu poder para dominar os habitantes da terra.

Excluíram Deus de seus planos; ao glorificar seu próprio nome, esqueciam-se do nome de Deus, nome de excelência; O Senhor.
Deus desbaratou seus planos não só para frustar-lhes o orgulho e independência, mas também para espalhá-los, a fim de que povoassem a terra. Por meio deste relato, evidencia-se a insensatez de construir sem Deus.
O cânon do antigo testamento foi formado num espaço de mais de 1000 anos (I 1046) de Moisés a Esdras. Evidentemente Esdras não foi o último escrito na formação de Cânon do antigo testamento; os últimos foram Neemias e Malaquias, porém, de acordo com os

escritos Judaicos foi ele que, na qualidade de escriba e sacerdote, reuniu os rolos canônicos, fixando também o cânon do antigo testamento, encerrando o seu tempo.
Quanto ao testemunho da arqueologia, a respeito da conclusão do cânon do antigo testamento, está justamente ligado ao período em que foram escritos estes livros e correspondido com as pesquisas arqueológicas. Essa cronologia vai sendo atualizada à medida que os estudos avançam, e a arqueologia forneça informes oficiais.
Foi um túnel construído pelo rei Ezequias para fortificar sua cidade e trazer água para seu meio. Fendeu a rocha com ferro, cercou a poça com montanhas, e defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa.
Quando este notável feito de engenharia dos judeus foi escavado, as marcas das picaretas e os desvios, para efetuarem a função a meio caminho, puderam ser percebidos. O túnel atravessa 1.777 pés, fazendo curvas para evitar construções de fendas na rocha, ou para seguir uma fissura, abrangendo uma linha direta de 1.090 pés. Têm cerca de 6 pés de altura, e em trechos tem apenas 50 cm de largura.

11. Os Escritos do Tempo de Abraão

Em resultado de descobertas arqueológicas, a vida e o tempo de Abraão, conforme registrado no livro de Gênesis, podem ser demonstrados em conformidade com o conhecimento mais recente acerca do segundo milênio a.C. Alguns eruditos fazem suas variações entre 1.500 a 2.000 a.C., correspondendo a idade de bronze média. Neste período já se usavam formas escritas inclusive os egípcios, que já possuíam sob três formas: hieroglífica, hierática e a demótica.

No tempo de Abraão, certos objetos pertencentes ao reino médio egípcio que datam de “biblos”, mostram que já estava em uso psendo-hieróglifos desde cerca de 2100- 1700 a.C.

As inscrições de Serabit-el-Khadim e dos vales próximos ao Sinai, encontradas por Petrie, em 1904. São atualmente em geral aceitas como amostras de letras derivadas dos hieróglifos, que devem ser datadas em cerca de 1.500

a.C. O número de diferentes sinais (20-23) indica, entretanto, uma escrita alfabética não egípcia, que tem sido variavelmente denominada de cananeu antigo,

sintático ou prato-fenício. Cacos de cerâmicas, exibindo sinais cananeus antigos, encontrados em Gezer, Tell-el-Hesi, Loquis, Bete-Semes e Hazor, talvez testifiquem sobre o uso generalizado dessa forma escrita na palestina, neste período.

O método tipológico continua sendo base para toda reconstituição arqueológica, mas já não se define toda uma cultura somente pelos objetos que seus modos de subsistência (base economia), e, completamente, suas crenças, técnicas artísticas etc. Não mais se detém o arqueólogo na definição exclusiva da evolução étnica, e na comparação entre tecnologias diferentes. Importa-se com a reconstituição global da cultura, da qual, sem dúvida, são os restos materiais, expressão importante. Para chegar a tais conclusões, no entanto, necessita-se da colaboração

de outros pesquisadores, que fornecem dados complementares.

O método tipológico é basicamente donominado “arqueológico”.

Esse método observa todas as analogias e as diferenças, que agrupam ou caracterizam o material de um mesmo nível ou camada, de um mesmo sítio e de um grupo destes. É, através da comparação e do grau de variação, que são estabelecidas as linhas de coerência.

12. Idiomas Antigos

O antigo idioma egípcio é de origem mista, e tem tido uma longa história. É usualmente chamada de “camita-semita”, sendo basicamente um idioma camita (isto relacionado com as línguas lébico-bérberes do norte da África), que sofreu forte influência numa época recuada (na pré-história) de uma linguagem semítica. O hebraico pertence ao grupo ocidental dos idiomas semíticos. No A.T., é chamado de “língua de Canaã”. Temos ainda o aramaico, o acádio, o árabe etc.
O extermínio da casa de onri, por ocasião da revolta de Jéu (841 a.C.), foi seguida pela supressão da adoração oficial a Baal. A revolta foi apoiada pelas comparações proféticas, que não tinham motivos para amar a casa de onri. Porém, isso enfraqueceu gravemente o reino de Israel, em face dos ataques dos arameus, e os primeiros

quarenta anos da dinastia de Jéu foram anos de tribulação contínua para Israel.
Israel fora reduzida a uma situação de desespero quando, em 803 a.C., o rei assírio Adade-Nirari III invadiu a Síria, assolou damasco e impôs a mesma. Durante todos esses anos de tribulação, houve um homem em Israel, cuja moral e confiança em Yaweh jamais deixou indeciso o profeta Elizeu. Bem pôde o rei de Israel dirigir-se a ele, por ocasião

do falecimento do profeta, com as palavras “carros de Israel” e “seus cavaleiros!”(2 Rs 13:14).
Em cerca de 745 a.C., a dinastia de Jeú terminou tal qual havia começado por meio de assassinato e revolta. Nesse mesmo ano, Tiglate-Pileser III se tornou o rei da Assíria, e inaugurou uma campanha de conquista imperial, que em menos de um quarto de século pôs fim à existência do reino de Israel e à independência do reino de Judá. Menaem, de Israel (de 745-737), pagou tributo a TiglatePileser; porém, Peca (de 736-732 a.C.) seguiu uma orientação anti-assíria, para o qual propósito se aliou a Damasco, abriu as monarquias, e

transformou o território uma província Assíria. As classes mais altas dessa população foram deportadas e substituídas por imigrantes vindos de outras regiões do império Assírio. Quando Oséias, o último rei de Israel, negou pagamento de tributo à Assíria, atendendo instância do Egito, foi aprisionado. A capital de Samaria foi assolada em 721 a.C., depois de um cerco de três anos, e se tornou a sede do governo da província assíria da Samaria.

13. A Cultura Ghassuliana

Calcolítica (Ghassuliana) cerca de 4.000 - 3.200 a.C. Instrumentos paleolíticos têm sido encontrados em certos números de locais e cavernas (Carmelo, Eurom, Orem) na Palestina, mas pouco se sabe sobre os progressos culturais, até que os caçadores "natufianos", mesolíticos, são encontrados a construir casas com substruturas de pedra (Eniam).

Não possuindo metais, esses povos usavam instrumentos de pederneira, e viviam principalmente da caça, mais tarde adotando a agricultura e a domesticação de animais.

Faziam figurinhas moldadas de forma incomum, com lama, ossos ou pedra. Os sítios neolíticos são

encontrados perto do Jordão, na Galiléia (Yarmuk e Sha'ar Haggolan), e são mais ou menos paralelos com os locais primitivos no Nilo e

no Tigre (Jarmo). Uma impressionante torre e defesa de pedra (em Jericó), de período anterior ao do conhecimento da cerâmica, e os notáveis crânios e figurinhas moldadas, de Jericó, mostram quão habilidosos eram aqueles povos primitivos (c. de 5.000 a.C.).

O metal aparece pela primeira vez na era calcolítica (neolítica), e tem sido traçado na maior parte da região. No local da vila de Teleilat Ghasssul (Jordão) foram descobertas cerâmicas, pinturas policrônicas realistas em paredes, grandes quantidades de pederneiras, e alguns poucos machados de cobre. Cerâmica semelhante tem sido encontrada no Vale de Jordão (perto de Jericó), em Esdrelon, e no Neguebe do norte e no Wadi Ghazzeh, perto de Gaza. Por esse tempo, a agricultura e a indústria metalúrgica já estavam avançados, relativamente, e modelos pintados de casas usuárias, algumas com telhados curvos abobadados,

mostram as primitivas formas arquiteturais adotadas (Hedera, Azor). Em alguns locais, perto de Berseba, habitações e armazéns subterrâneos (abu'matar, Zafade, Horvat Beter), ou cisternas escavadas na rocha (Gezar), também foram encontrados pela primeira vez.

IX

MÉTODOS E MATERIAIS DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

a) Estratigráficos:

Sedimentar em formas de estratos: ciência que trata da formação e disposição dos terrenos estratificados.

Todos os sítios arqueológicos são compostos por unidades de tempo. Ao ser habitado, determinado local, superfície em uso serve como registro de tempo. Como o entulho demora para ser acumulado, serve como marco temporal, até que outra camada se acumule sobre ele.

Por menos complexo que seja, um sítio possui pelo menos uma camada ocupacional e, portanto, um registro

cronológico. Todos os sítios são, portanto, formados pela sucessão de unidades temporais, cuja superposição constitui o que se domina estratigrafia.
Os principais elementos que compõem a nomenclatura temporal são os seguintes:
camada arqueológica: formada pelo acúmulo de entulho depositado no sítio;
Nível arqueológico: divisão do sítio em profundidade;
fase cultural: definida como qualquer complexo de cerâmica, lícito, padrões de habitações etc.

b) Tipologia da Cerâmica
Para que um sítio arqueológico seja identificado como tal é imprescindível que contenha artefatos e utensílios, ou vestígios da permanência de grupos desaparecidos.
A cerâmica em peças inteiras ou fragmentadas constitui o resto cultural que maior soma de informações possibilita aos técnicos, pela facilidade que apresenta de serem observadas as diferenças, no tempo, e de grupo para grupo. A cerâmica geralmente é analisada pelo estudo das partes que a constituem.
Usando a técnica de manufatura é verificado se a pasta é composta em duas partes, uma destinada a dar forma ao vasilhame, na qual o ceramista utilizava argila com

grande plasticidade, facilmente trabalhável com o acordelamento, onde o vasilhame é feito a partir de um cordel que num movimento de espiral em ascensão, começando numa base em forma de disco, resulta a forma desejada pelo ceramista. Queima: processo físico-químico que consiste em transformar a pasta em cerâmica, por meio da elevação da temperatura. Superfície: Cujo tratamento é outro ponto importante no estudo das cerâmicas arqueológicas.
Observa-se se é simples, sem decoração, ou se é total ou parcialmente decorada. Verifica-se a forma, a boca, a borda, os lábios, o bojo, o pescoço e as bases.

c) Carbono 14

Descobrir a idade aproximada dos objetos é um dos principais problemas da arqueologia. Muitas vezes, as inscrições e figuras gravadas sobre uma moeda, encontrada junto a um objeto, fornecem indicações sobre sua idade. Isso, contudo, nem sempre acontece; várias técnicas de datação são então aplicadas para resolver o problema.

Uma das técnicas mais eficientes e precisas é a do Carbono 14, uma forma radioativa de carbono, que existe em toda substância de origem vegetal ou animal, e que desaparece muito lentamente, transformando-se em carbono não radiativo. A velocidade dessa transformação é sempre a mesma, qualquer que seja a substância em questão. Por isso, os cientistas puderam calcular que metade do carbono radioativo presente em um objeto desaparece em 5568 anos. Outro período de 5568 anos será necessário para o desaparecimento de metade da metade restante, e assim por diante. Desse modo, medindo a proporção do carbono 14, que restou na matéria orgânica (madeira, osso etc) de um objeto, pode-se calcular aproximadamente a sua idade.

Outro método para calcular a idade de restos humanos e animais consiste em medir sua quantidade de flúor. Os ossos e dentes enterrados no chão absorvem pequenas quantidades de flúor: se a quantidade é a mesma em ossos encontrados juntos, pode-se dizer que são da mesma idade. (Esse método provou que o crânio do chamado homem de Piltdown e o queixo, que estava junto, não pertencia ao mesmo ser – o queixo era de macaco).

X LUGARES DE IMPORTANTES DESCOBERTA ARQUEOLÓGICAS

a) Acade: Também chamada Sipar, que significa “Cidade dos Livros”, 48 km ao norte de babilônia. Escavada por rassam, em 1881, e por Scheil, em 1894. Encontraram-se vastas quantidades de placas (tabletes) primitivas.

b) Amarna ou Tel-el-Amarna: Em 1887, um Aldeão, cavando nas ruínas de Tel-el-Amarna, no Egito, encontrou um arquivo de tabletes cunciformes do qual, após descobertas subsequentes, cerca de 350 documentos foram recuperados. Estes tabletes suprem importantes informações sobre o estado da Palestina e da Síria, cerca de 1400-1360 a.C.. Os francos despachos pessoais de reis asiáticos aos faraós Amenhóte III e Aquenatom dão uma vívida idéia das intrigas e contendas entre as cidades, após

enfraquecimento do controle egípcio, pouco antes de os israelitas terem entrado na terra.

c) Antioquia: Na curva nordeste do mar Mediterrâneo. Achou-se aí o "Cálice de Antioquia", em 1910, com evidência de que, possivelmente, Jesus serviu-Se dele na Última Ceia.

d) Asmar: Também chamada Esnuna, 161 km a nordeste de Babilônia. Henri Frankfort, em 1933, na camada de 2700 a.C., encontrou uma lâmina de ferro, fazendo, assim, recuar, 1500 anos, o uso conhecido do ferro.

e) Assur: Conhecida por Calá-Chergate, cerca de 96 km ao sul de Nínive. Escavada por Andrae, 1902-1914. Acharam-se quantidades de inscrições.

f) Babilônia: Cidade maravilhosa do mundo antigo. Suas vastas ruínas foram escavadas por Koldewey, 1899-1912; Rich, 1811; Layard, 1850; Rassam, 1878-1889; Oppert, 1854. Ruínas da Torre de babel, do

Palácio de Nabucodonosor, dos jardins suspensos, da parede onde Daniel leu a escritura. Evidência da residência de Joaquim em Babilônia.

g) Betel: Fica 19 km ao norte de Jerusalém. Camada de cinzas do incêndio ateado por Josué; também outra do incêndio de Nabucodonosor.

h) Betes-Semes: Cerca de 24 km a oeste de Jerusalém. Escavada por Elihu Grant, 1930. Encontrada escrita alfabética de 1800 a.C.; cinzas do incêndio de Nabucodonosor; sinete do mordomo de Joaquim.

i) Borsipa: No limite sudoeste da Babilônia, o arqueólogo Henry C. Rawlinson encontrou uma inscrição que parecia ser uma tradição da inacabada Torrel de Babel.

j) Cis: Era um subúrbio da cidade de Babilônia. Babilônia é uma das cidades mais antigas do mundo. CIS foi escavada pela universidade de Oxford e pelo museu Field de Chicago. Ao concluírem a escavação, revelavam uma seqüência de vida e cultura em dez ou

mais estratificações, dos quais foi estimado que seis deles tinham uma antigüidade de 5.000 anos.
A descoberta deste extrato foi considerada uma prova visível do grande dilúvio, descrito amplamente na bíblia.

k) Corsabad: No limite norte de Nínive, as escavações foram feita em 1842. Pode ser feita a reconstrução do palácio de dez hectares do rei Sargon, em Corsabad;
Até então, somente a bíblia em Isaías 20:1 havia mencionado o nome do rei Sargon.

l) Dibom: Em Moabe, cerca de 32 km a leste do Mar Morto. Lugar onde a Pedra Moabita foi achada. A pedra moabita relata a rebelião de mesa, tal como está registrado em II Reis 3. A pedra foi erigida por mesa em Dibom, em torno do ano 850 a.C. Ela foi achada por F. A. Klein em 1868.

m) Dotã: Ao norte de Siquém, onde se acharam fragmentos de louça de barro de 2000 a.C., mostrando que esta cidade existia nos dias de Abraão.

n) Eridu: Tradicional jardim do Éden. 19 km ao sul de Ur dos Caldeus. Escavada por Hall e thompson, do Museu Britânico, 1918-19, que acharam indícios de ter sido, possivelmente, a primeira cidade que já se construiu. Placas antigas chamam-na residência dos dois primeiros reis da História.

o) Eziom-Geber: Cerca de 120 km ao sul do Mar Morto, na extremidade do Golfo de Acabá. Escavada por nelson Glueck, 1838-39. Encontraram-se ruínas das fundições, fornalhas, cadinhos e refinarias de Salomão.

p) Gebal: A poucos km ao norte de sidom. Montet, 1922, e Dussard, 1930, encontraram inscrições relacionadas com a história do Alfabeto.

q) Jericó: Garstang, 1929-36, encontrou, em suas ruínas, muitas evidências de sua destruição por Josué, conforme a narrativa bíblica: Queimada a fogo; muros derrubados; gêneros alimentícios carbonizados.

r) Megido: Também chamada Armagedom, uns 16 km a sudoeste de nazaré. Escavada pelo Instituto Oriental. Evidência da luta de Israel contra os cananeus. As

cavalariças de Salomão - (Ruínas dos estábulos de Salomão que foram escavadas em megido). Culto de Baal.

s) Nínive: 482 km ao norte de Babilônia. Ruínas descobertas por Rich, 1820. Layard, 1845-51, descobriu a Grande Biblioteca de Assurbanipal. George Smith, 1872, encontrou as Placas da Criação e do Dilúvio. Malowan, 1932-33, encontrou o que pode ter sido um sedimento do dilúvio. No cômoro Yunas, Layard encontrou as ruínas do Palácio de Esar-Hadom. Os Palácios de Senaqueribe e Assurbanipal foram encontrados no Cômoro Hoyunjik.

t) Roseta: No Egito, perto de Alexandria, onde a Pedra Roseta, chave da língua egípcia antiga, foi encontrada.

u) Sodoma e Gomorra. Sua possível localização pode ser indicada por uma descoberta de Albright e Kyle, 1924, em Bab-ed-Dra, na curva sudeste do mar Morto, com evidência de grande população de 2500 .a.C. a 2000 a.C., que desapareceu de repente.

v) Ur: 19 km ao norte do tradicional Jardim do Éden. Cidade de Abraão. Escavada por Woolley, 1922-34, que encontrou sedimento do dilúvio, sinetes antediluvianos e desenterrou a cidade.

XI RELACIONAMENTOS DA FAMÍLIA

Dois fatos se destacam no que a Bíblia diz acerca da família e de seus relacionamentos. Primeiro, os papéis dos membros da família permaneceram quase os mesmos durante o período bíblico. A mudança de cultura e da leis não afetou em grande medida os costumes familiares. É verdade que os povos que

viveram nos primeiros tempos do período do Antigo Testamento eram seminômades – freqüentemente se mudavam de uma região para outra – de modo que seus hábitos diferiam, de certa forma, daqueles dos povos de residência fixa. A lei mosaica aboliu algumas das práticas nômades, tais como o casamento de um homem com sua irmã. Todavia, permaneceu a maior parte do estilo de vida familiar original, mesmo na era neotestamentária.

Segundo, a vida da família nos tempos bíblicos refletia uma cultura muito diferente da nossa. É preciso que reconheçamos esta diferença quando nos voltamos para as Escrituras em busca de diretriz na criação de nossas famílias. Devemos buscar os princípios bíblicos em vez de copiar diretamente os estilos de vida específicos que a Bíblia retrata. Esses estilos de vida foram projetados para pequenas comunidades agrícolas, e em muitos casos não eram do agrado de Deus.

Por exemplo: a cultura daquela época permitia a um homem ter mais de uma esposa, e alguns homens de Deus as tiveram; não obstante, em parte alguma a Bíblia declara que Deus aprovou esta prática. Classificamo-la como um costume cultural tolerado, mas não um costume receitado biblicamente.

Outro exemplo: Quando Abraão viveu no Egito com Sara, ele lhe recomendou dizer que era sua irmã, temendo que os egípcios o matassem por causa de grande beleza

de Sara. Ela era, de fato, sua meia-irmã, um grau de parentesco que Deus mais tarde especificou como próximo demais para casamento. Como resultado, Faraó levou Sara para a sua casa e Deus afligiu-lhe a família com pragas a fim de resgatá-la.

O ensino bíblico sobre a vida familiar inclui instruções para os filhos, para as mães e para os pais. Veremos exemplos de Famílias que observaram a vontade de Deus e forma grandemente abençoadas; veremos também as que desobedeceram a Deus e colheram as conseqüências. Ao do caminho notaremos como a vida da família mudou durante o curso da história de Israel.

I. A UNIDADE FAMILIAR

A família foi a primeira estrutura social que Deus criou. Ele formou a primeira família juntando Adão e Eva como marido e esposa (Gn 2.18-24). O homem e a mulher tornaram-se o núcleo de uma unidade familiar.
Por que Deus criou a estrutura da família? Gênesis 2.18 diz que Deus criou a mulher como auxiliadora de adão, o que indica que o homem e a mulher foram reunidos primeiramente para companheirismo; esposa devia ajudar o marido, e o marido devia cuidar da esposa. Então os dois juntos deviam atender às necessidades dos filhos, fruto de seu relacionamento.

Marido

A palavra hebraica que traduzimos por marido significa, em parte, “dominar, governar”. Também pode ser traduzida como “senhor, amo”. Como cabeça da família, o esposo era responsável pelo seu bem-estar. Por Exemplo, quando Abraão e Sara enganaram Faraó a respeito de seu casamento, o governante inquiriu a Abraão em vez de

Sara, que realmente havia mentido (Gn 12.17-20). Isto não quer dizer que o marido hebreu era um tirano que gostava de mandar na família. Pelo contrário, ele assumia amorosamente a responsabilidade pela família e buscava atender às necessidades dos que estavam debaixo de sua autoridade.

Todo casal judeu unia-se com a idéia de ter filhos. Estavam especialmente ansiosos por ter um filho varão. O homem orgulhava-se de verdade pela sorte de ser pai de um filho. Jeremias observou: "...p homem que deu as novas a meu pai, dizendo" nasceu-te um filho; alegrando-o com isso grandemente". (Jr 20.15).

O pai judeu assumia a liderança espiritual da família; ele funcionava como seu sacerdote. Esperava-se que ele conduzisse a família na observância dos vários ritos religiosos, tais como a Páscoa.

Juntamente com a esposa, o pai devia ensinar "a criança no caminho em que deve andar...". O pai tinha, também, de transmitir aos filhos toda a lei escrita. Ele era admoestado nestes termos: "tu incluirás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por

frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas". (Dt 6.7-9).

O pai tinha de infligir castigo físico quando necessário. Isto devia ser feito de tal modo que não provocasse "vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6.4).

Nos tempos bíblicos, o homem que não sustentasse adequadamente a família era culpado de ofensa grave. O homem que falhava neste ponto era evitado e escarnecido pela sociedade. Paulo escreveu: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé, e é pior do que o descrente" (I Tm 5.8).

Como esposo e pai, o homem defendia os direitos da família perante os juizes quando se fizesse necessário (veja Deuteronômio 22.13-19). "O órfão e a viúva" não tinham um homem que defendesse seus direitos, por isso com freqüência lhes era negada a justiça.

O povo judeu era governador por várias tradições judaicas. O Talmude diz que o pai tinha quatro responsabilidades para com o filho, além de ensinar-lhe

a Lei. Ele devia circuncidar o filho, redimi-lo de Deus se ele fosse o primogênito, achar-lhe uma esposa, e ensinar-lhe uma profissão.
Um bom pai pensava nos filhos como seres humanos completos, e respeitava seus sentimentos e capacidades. Disse um erudito judeu daquele tempo que um bom pai devia “afastá-los com a mão esquerda e puxá- los para junto de si com a mão direita”. Este delicado equilíbrio entre firmeza e afeição tipificava o pai judeu ideal.

Esposa

No casamento, espontaneamente a mulher assumia um lugar de submissão ao companheiro. A responsabilidade da esposa era a de “auxiliadora” do marido (Gn 2.18), aquela que “lhe faz bem, e não mal, todos os dias de sua vida” (Pv 31.12). Sua principal responsabilidade girava em torno do lar e dos filhos, mas às vezes se estendia ao mercado e a outras áreas que afetavam o bem-estar da família (Pv 31.16-25).

O alvo primário da esposa era dar os filhos ao marido. O porta-voz da família de Rebeca disse-lhe: “És nossa irmã: sê tu a mãe de milhares inimigos” (Gn 24.60). A família judia esperava que a esposa se tornasse como uma videira frutífera, enchendo a casa de filhos (Sl 128.3).

Assim, a mãe saudava o primeiro filho com muita felicidade e alívio.

À medida que os filhos iam chegando, a mãe ia ficando mais presa ao lar. Ela amamentava cada criança até a idade de dois ou três anos, além de vestir e alimentar o restante da família. Diariamente gastava horas preparando refeições e fazendo roupas de lã. Quando necessário, a esposa ajuda o marido nos campos, plantando ou colhendo.

A mãe participava da responsabilidade de educar os filhos. Estes passavam os primeiros anos formativos da vida junto à mãe. Finalmente, os filhos varões tinham idade suficiente para acompanhar os pais aos campos ou a outro lugar de emprego (Pv 31.19-9). A mãe voltava, então, suas atenções mais plenamente para as

filhas, ensinando-lhes como ser esposas e mães bem-sucedidas.
O desempenho das tarefas da mulher determinava o fracasso ou êxito da família. Os sábios diziam: “A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como podridão nos seus ossos” (Pv 12.4). Se a esposa trabalhava com afinco na tarefa que tinha pela frente, o marido era grandemente beneficiado. Os judeus acreditavam que um homem poderia galgar posição, entre os líderes de Israel, somente no caso de sua esposa ser sábia e talentosa (Pv 31.23).

Filhos varões

Nos tempos bíblicos, os filhos varões tinham de sustentar os pais quando estes envelhecessem, e dar-lhes sepultamento digno. Por este motivo, o casal geralmente esperava ter muitos filhos. “Como flechadas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava: não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta” (Sl 127.4-5).

O primogênito mantinha um lugar de honra muito especial no seio da família. Esperava-se que ele fosse o próximo cabeça da casa. No decurso de sua vida, esperava-se que ele assumisse maior responsabilidade por seus atos e pelos atos de seus irmãos. Foi por isto que Rúben, como irmão mais velho, mostrou maior preocupação pela vida de José, quando irmãos concordara, em matá-lo (Gn 37.21-29).

Ao morrer o pai, o primogênito recebia uma porção dobrada da herança da família (Dt 21.17; Cr 21.2- 3).

O quinto mandamento admoestava: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Ex 20.12). Tanto o pai quanto a mãe deviam receber a mesma soma a respeito. Contudo, os rabinos do Talmude racionavam que se alguma vez um filho tivesse de escolher entre dois, a preferência devia ser dada ao pai. Por exemplo, se ambos os pais pedissem um corpo de água simultaneamente, o Talmude ensinava que tanto o filho quanto a mãe deviam atender à necessidade do pai.

Jesus foi o exemplo perfeito de filho obediente. Lucas observou que aos 12 anos de idade, Jesus “desceu com

eles para Nazaré; e era-lhes submisso" (Lucas 2.51). Mesmo enquanto suportava as agonias da cruz, Jesus pensou em sua mãe e em sua responsabilidade para com ela como primogênito. Pediu a João que cuidasse dela após a sua morte, cumprindo desse modo seu dever de amor (João 19.27).

Filhas

Nos tempos antigos, as filhas não eram prezadas como os filhos varões. Alguns pais realmente as consideravam como um fardo.

Por exemplo, um pai escreveu: "O pai vela pela filha, quando nenhum homem sabe; e o cuidado dela tira o sono: quando ela é jovem, para que não deixe passar a flor da idade [não deixe de casar-se]; e sendo casada, para que não seja odiada; em sua virgindade, para que não seja violada e se engravide na casa do pai; tendo marido, para que ela não se comporte mal; e

quando casada, para que não seja estéril". Contudo, os hebreus tratavam as filhas com mais humanidade do que algumas das culturas vizinhas. Os romanos realmente expunham as filhas recém-nascidas aos elementos, na esperança de que morressem. Os hebreus criam que a vida – do homem e da mulher – vinha de Deus. Por esta razão, nunca considerariam matar um de seus filhinhos.

Em realidade, quando Natã procurou descrever o relacionamento íntimo de um pai com o filho, ele retratou uma filha nos braços do pai com a cabeça reclinada no seu regaço (II Sm 12.3).

As filhas primogênitas tinham especial lugar de honra e de deveres na família. Por exemplo, a primogênita de Ló tentou persuadir a irmã mais moça a ter um filho do pai, para preservar a família (Gn 19.31-38). Na história de Labão e Jacó, a filha primogênita, Lia, teve prioridade a irmã mais moça (Gn 29.26).

Se a família não tinha filhos varões, as filhas podiam herdar as possessões do pai (Nm 27.5-8); mas só poderiam conservar a herança se se casassem dentro de sua própria tribo (Nm 36.5-12).

A filha estava sob o domínio legal do pai até que se casasse. O pai tomava por ela todas as decisões importantes, tais como com quem ela devia casar-se. Mas a filha era solicitada a dar seu consentimento na escolha de um noivo, e às vezes até lhe era permitido declarar preferência (Gn 24.58; I Sm 18.20). O pai aprova todos os votos da família antes se tornarem obrigatórios (Nm 30.1- 5).

Esperava-se que a filha ajudasse a mãe no lar. Bem cedo na vida ela começava a aprender as várias habilidades de que necessitava para tornar-se uma boa esposa e mãe. Aos 12 anos de idade, a filha tornava-se dona-de-casa com seus direitos próprios e lhe permitido casar.

Em algumas culturas do Oriente Próximo, as famílias não permitiam que as filhas saíssem de casa. Se apareciam em público, deviam usar um véu para cobrir o rosto e não lhes era permitido falar com pessoas do sexo masculino. Os israelitas não impunham tais restrições às suas filhas. As moças eram relativamente livres para ir e vir, contanto que dessem conta de seu

trabalho. Vemos exemplos desta liberdade no caso de Rebeca, que conversou com um estranho junto ao poço (Gn 24.15-21), e as sete filhas do sacerdote de Midiã, que conversaram com Moisés enquanto davam de beber rebanho do pai (Ex 2.16- 22).

As moças dos tempos bíblicos preocupavam-se muito com sua aparência. Acreditavam que a pele clara era bonita. Se uma jovem ficava bronzeada pelo sol, ela se escondia da vista pública (Ct 1.6). Por este motivo, as mulheres procuravam fazer o trabalho externo nas primeiras horas da manhã ou ao entardecer. Às vezes, porém, a mulher era obrigada a expor-se ao sol do meio- dia, como no caso da jovem de Cantares de Salomão. Ela acusou os irmãos de a colocarem “por guarda das vinhas”, o que significa que era obrigada a estar fora de casa a maior parte do dia (Ct 1.6).

A família esperava que a família permanecesse virgem até ao casamento. Infelizmente, nem sempre isto acontecia. Algumas moças eram seduzidas ou violadas. Quando isto acontecia, a lei mosaica estabelecia distinções cuidadosas entre o castigo pela violação de uma moça que estava noiva e pelo da que não estava.

Freqüentemente as filhas casavam-se em idade prematura. Tais casamentos não criavam os problemas que criam hoje. Embora a recém-casada deixasse o domínio do pai, ela entrava no novo domínio do marido e sua família. A sogra entrava em cena para continuar a orientação e o treinamento que a jovem havia recebido de sua própria mãe. A esposa e a sogra muitas vezes criavam um laço de amizade forte e duradouro. Isto se acha perfeitamente exemplificado no livro de Rute, quando Noemi repetidamente se refere a Rute como “minha filha”. Miquéias descreveu a família rixenta como aquela em que “a filha se levanta contra a mãe, a nora contra a sogra” (Mq 7.6).
Quando uma jovem ia viver com a família do marido, ela não abria mão de todos os direitos que tinha em sua própria família. Se o marido morria e não havia cunhados com quem se casar, ela podia voltar à casa paterna. Foi exatamente isso que Noemi recomendou às suas noras, e Orfa aceitou a sugestão (Rt 1.8-18).

Irmãos e Irmãs

O amor desenvolvia-se entre irmãos enquanto cresciam juntos, compartilhando as responsabilidades, os problemas e as vitórias. Um dos Provérbios declara: “O homem que tem muitos amigos pode congratular-se; mas há amigo mais chegado do que um irmão” (Pv 18.24).

José revelou verdadeiro amor a seus irmãos. Mas enquanto ela era jovem, os irmãos o venderam à escravidão porque odiavam a predileção do pai para com ele. Mais tarde, quando José adquiriu poder e posição, podia ter acertado as contas as contas com eles. Em vez de fazê-lo, ele lhes mostrou amor e misericórdia. Disse ele: “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque

para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (Gn 45.5).

A Bíblia descreve muitos irmãos que mantiveram um profundo e permanente amor entre si. O Salmista descreveu o amor dos irmãos, dizendo: “É como o óleo precioso sobre a cabeça, o qual desce para a barba de

Arão, e desce para a gola de suas vestes. É como o orvalho de Hermom, que desce sobre os montes de Sião" (Sl 133.2-3).

Irmãos e irmãs também compartilhavam um laço especial. Os filhos de Jó davam banquetes sem convidar suas três irmãs (Jó 1.4). Quando Dina foi violada, seus irmãos vingaram o crime (Gn 34).

Nos tempos antigos, às vezes os jovens se casavam com sua meia-irmã. Abraão e Sara tinham o mesmo pai, mas diferentes mães (Gn 20.12). como já observamos, a lei mosaica proibiu esta prática (Lv 18.9; 20.17; Dt 27.22).

O laço de amor entre irmãs e irmãos era tão forte que a lei mosaica permitia que o sacerdote tocasse o corpo de um irmão, irmã, pai, mãe ou filho falecido. Esta era única vez que o sacerdote podia tocar um defunto e tornar- se cerimonialmente contaminado.

II. A FAMÍLIA AMPLIADA

No sentido mais fundamental, a família hebraica constituía-se do esposo e filhos.

Quando o marido tinha mais de uma esposa, a “família” incluía todas as esposas e todos os filhos em seus vários relacionamentos (Gn 30). Às vezes a família incluía todos os que compartilhavam um teto comum sob a proteção do cabeça da família. Podiam ser avós, criados e visitantes, bem como filhas viúvas e seus filhos. A família ampliada

geralmente incluía os filhos e suas esposas e filhos (Lv 18.6-18). Deus contou os escravos de Abraão como parte do grupo familiar, pois ele exigiu que Abraão os circuncidasse (Gn 17.12-14; 22-27). Na primitiva história de Israel até quatro gerações viviam juntas. Isto era parte normal do modo de vida seminômade e mais tarde do modo de vida agrícola.

O Novo Testamento diz que José e Maria viajaram como um casal para alistar-se em Belém (Lc 2.4- 5). Foram ao templo sozinhos quando Maria ofereceu sacrifícios (Lc 2.22). Também viajaram sozinhos quando levaram Jesus para o Egito (Mt 2.14). Esses relatos tendem a confirmar que a “família” do Novo Testamento

constituía- se somente do marido, da esposa e dos filhos.

III. O CLÃ

A família ampliada fazia parte de um grupo maior a que chamamos clã. O clã podia ser grande que registrava centenas de homens em suas fileiras (Gn 46.8-27; Ed 8.1- 14). Os membros de um clã descendiam de um ancestral comum, e assim se consideravam uns aos outros como parentes. Sentiam-se obrigados a ajudar e a proteger uns aos outros.

Muitas vezes o clã designava um homem, chamado goel, para oferecer ajuda aos membros necessitados. Em português, esta pessoa é mencionada como resgatador. Sua ajuda cobria muitas áreas de necessidade.

Se um membro do clã tinha de vender parte de sua propriedade para pagar dívidas, ele dava ao resgatador a primeira opção de compra. O resgatador tinha, então, de comprar a propriedade, se pudesse, para conservá-la

na posse do clã. Vemos esta situação quando o primo de

Jeremias veio este, dizendo: “Compra o meu campo que está em Anatote... porque teu é o direito de posse e de resgate; compra-o” (Jr 32.6-8). Jeremias comprou o campo e usou o acontecimento para proclamar que os judeus finalmente voltariam a Israel (Jr 32.15).

De quando em quando um exército capturava reféns e os vendia pela melhor oferta. Também, um homem podia vender-se à escravidão para resgatar uma dívida. Em ambos os casos, o parente do escravo tinha de encontrar o resgatador do clã, que tentaria comprar liberdade do seu parente (Lv 25.47-49).

Se um homem casado morria sem ter deixado filho, o goel tinha de casar-se com a viúva (Dt 25.5-10). A isto se dava o nome de casamento de levirato (“cunhado”). Quaisquer filhos nascidos deste arranjo eram considerados descendência do irmão falecido.

O goel tinha de vingar a morte de um parente. Nesse caso, ele era chamado “vingador do sangue” (Dt 19.12). A lei de Moisés limitava esta prática estabelecendo

cidades de refúgio para onde os homicidas podiam fugir, porém mesmo esta providência não garantia a segurança do assassino. Se o homicídio foi praticado por maldade ou premeditação, o vingador do sangue seguiria o homicida até a cidade de refúgio e exigiria sua extradição. Em tal caso, o homicida seria entregue ao goel e este o mataria (Dt 19.1-13). Foi assim que joabe matou a Abner (II Sm 3.22-30).

IV. EROSÃO DA FAMÍLIA

A família que vive em harmonia e em verdadeiro amor é um deleite para todos quantos se associam com ela. Por certo foi isto que Deus tinha em mente quando estabeleceu a família. Infelizmente, a Bíblia mostra-nos poucas famílias que alcançaram este ideal. No Decurso da história bíblica, as famílias foram se desgastando por pressões sociais

econômicas e religiosas. Podemos identificar alguns desses fatores.

Inexistência de filhos

A falta de filhos era uma grande ameaça a um casamento nos tempos bíblicos. Se o casal não podia conceber um filho, marido e mulher consideravam o problema como castigo de Deus.
A despeito de seu constante amor à esposa, um homem sem filhos às vezes se casava com uma segunda mulher ou usava os serviços de uma escrava para conceber filhos (Gn 16.2; 20.30; Dt 21.10-14). Alguns homens divorciavam-se da esposa para fazer isto. Embora esta prática solucionasse o problema da falta de filhos, ela criava muitos outros problemas.

Poligamia

Havia contínua rixa doméstica quando duas mulheres compartilhavam o mesmo marido nos tempos do Antigo Testamento. A Palavra hebraica para a segunda esposa significa, literalmente, “esposa rival” (I Sm 1.6); isto sugere que geralmente havia amargura e hostilidade entre esposas polígamas. Não obstante, a poligamia era habitual, especialmente no tempo dos patriarcas. Se um homem não podia levantar o dinheiro do casamento

para uma segunda esposa, ele considerava a compra de uma escrava para esse fim ou o uso de uma que já tinha em casa (Gn 16.2; 30.3-8).

Num casamento polígamo, invariavelmente o marido favorecia uma esposa em detrimento da outra. Isto causava complicações como, por exemplo, decidir qual o filho a honrar como primogênito. Às vezes um homem

desejava deixar a herança para o filho da esposa favorecida, embora, em realidade, devesse deixá-la ao filho da esposa "aborrecida" (Dt 21.15-17). Moisés declarou que o primogênito tinha de ser devidamente honrado, e o marido da mãe do primogênito diminuindo "o mantimento da primeira, nem os seus vestidos, nem os seus direitos conjugais" (Ex 21.10).

A política era, também, motivo para a poligamia. Muitas vezes um rei selava uma aliança com outro, casando-se com a filha do seu aliado. Quando a Bíblia fala do grande harém de Salomão, ela acentua que ele "Tinha setecentas mulheres, princesas" (I Rs 11.3). Isto mostra que a maioria de seus casamentos foram de natureza política. Provavelmente as mulheres vinham de

pequenas cidades-estados e de tribos dos arredores de Israel.
Depois do Êxodo, a maioria dos casamentos hebreus foram monogâmicos; cada marido tinha somente uma esposa (Mc 10.2-9). O livro dos Provérbios nunca menciona a poligamia, muito embora toque em muitos aspectos da cultura hebraica. Os profetas sempre usaram o casamento monogâmico para descrever o relacionamento do Senhor com Israel. Tal casamento era o ideal da vida familiar.

Morte do marido

A morte do marido sempre tinha conseqüências de longo alcance para a família. O povo dos tempos bíblicos não constituía exceção. Após um período de lamentações, a esposa enviuvada podia adotar vários cursos de ação.
Se ela não tivesse filhos, esperava-se que continuasse a viver com a família do marido, de acordo com a lei do levirato (Dt 25.5-10). Ela devia casar-se com um dos irmãos do marido ou com um parente próximo. Se

esses homens não estivessem disponíveis, estava livre para casar-se fora do clã (Rt 1.9).

As viúvas com os filhos dispunham de outras opções. Do livro deuterocanônico de Tobias aprendemos que algumas voltaram para a família do pai ou do irmão (Tb 1.8). Se a viúva era idosa, um de seus filhos varões podia cuidar dela. Se ela adquiria segurança financeira, podia viver sozinha. Por exemplo, Judite não se casou nem se mandou para a casa de um parente, pois "seu marido Manassés lhe havia deixado ouro, e prata, e criados e criadas, e gado e terras; ela permaneceu neste estado" (Jd 8.7).

De quando em quando a viúva não tinha sequer um centavo, nem tinha parente homem do qual depender. Tais mulheres enfrentavam grandes dificuldades (I Rs 17.8- 15; II Rs 4.1-7).

A viúva sem filhos, dos tempos do Novo Testamento, achava-se numa posição muito mais segura. Se ela não dispunha de nenhum dos costumeiros meios de sustento, podia recorrer à igreja em busca de ajuda. Paulo sugeriu que as viúvas jovens casassem de novo e que as viúvas idosas fossem sustentadas pelos filhos;

mas se a viúva não tinha a quem recorrer, a igreja devia cuidar dela (I Tm 5.16).

Filhos rebeldes

Era pecado grave desonrar o pai ou a mãe. Moisés ordenou que a pessoa que ferisse ou amaldiçoasse o pai ou a mãe fosse morta. (Ex 21.15; Lv 20.9).
Não temos registro que este castigo tenha sido aplicado, mas a Bíblia descreve muitos casos em que os filhos desonraram os pais. Quando Ezequiel enumerou os pecados de Jerusalém, escreveu: “No meio de ti

desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para o órfão e a viúva” (Ez 22.7). Quadro semelhante é apresentado em Pv 19.26. Jesus condenou muitos judeus de seu tempo por não honrarem os pais (Mt 15.4-9).
Às vezes o pai ou a mãe causava mais atrito no seio da família que o filho ou a filha. O profeta Natã anunciou a Davi que “não se apartará a espada jamais da tua casa,

porquanto me desprezaste, e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher" (II Sm 12.10). Desse tempo em diante, Davi teve problema com os filhos.

Amnom apaixonou-se de Tamar, sua meia-irmã, e a violentou. Não obstante, Davi não castigou o filho, e Absalão, irmão de Tamar, matou a Amnom por vingança. Então Absalão fugiu para a terra de sua mãe, retornando mais tarde para chefiar uma revolta contra o pai (II Sm 13). Davi insistiu em que seus homens não matassem Absalão, mas o jovem morreu num acidente de Batalha. Davi chorou a morte do filho (II Sm 18).

Ao aproximar-se Davi da morte, seu filho Adonias desejou sucedê-lo no trono. Davi não tentou restringir-lhe as pretensões, nesta ou em nenhuma outra ocasião. A Bíblia diz que o rei jamais "o contrariou [Adonias], dizendo: Por que procedes assim?" (I Rs 1.6).

Rivalidade entre os filhos

O escritor de Provérbios expõe graficamente o problema dos filhos que discutem entre si: "O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são

ferrolhos dum castelo". A Bíblia descreve irmãos que discutem por vários motivos. Jacó procurou furtar a benção de Esaú (Gn 27). Absalão odiou a Amnom por que Davi se recusou a puni-lo (II Sm 13).

Salomão destruiu a seu irmão Adonias por suspeitar que este desejava o trono (I Rs 2.19-25). Quando Jeroão subiu ao trono, matou todos os irmãos, de sorte que nunca fossem uma ameaça para ele (II Cr 21.4).

Às vezes os pais provocavam a rivalidade entre os filhos, como no caso da família de Isaque. A Bíblia diz que "Isaque amava Esaú...; Rebeca, porém, amava a Jacó" (Gn 25.28). Quando Isaque desejou abençoar a Esaú, Rebeca ajudou a Jacó a obter a benção para si. Esaú enfureceu-se e ameaçou matar Jacó que fugiu para um país longínquo (Gn 27.41-43). A reunificação da família demandou uma geração inteira.

Infelizmente, Jacó não tirou proveito da lição dos erros de seu pai. Ele também favoreceu a um dos filhos, dando a José parentes outros. Isto enfureceu de tal modo os restantes que trataram matar o predileto do pai. A Bíblia registra que "Vendo, pois, seus irmãos, que

o pai o amava mais do que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente" (Gn 37.4).

Adultério

Os judeus consideravam o adultério uma grave ameaça à família, por isso puniam os adúlteros imediatamente e com severidade. se alguma moça casasse sem ser virgem e alguém tivesse como provar a moça era levada a porta da casa de seus pais, ela era apedrejada até a morte.

CONCLUSÃO

As descobertas arqueológicas futuras, sem dúvida, terão um ministério benéfico e de longo alcance, para iluminar a narrativa sagrada, como os achados do passado o fizeram. O que é mais importante, talvez, é que elas continuarão a prestar inestimável serviço em anular opiniões extravagantes e teorias radicais, que têm impedido tão seriamente o progresso da erudição velho- testamentária sadia e construtiva, nos tempos modernos. Este trabalho corretivo, a arqueologia está capacitada a realizar, e constituir um dos pontos mais brilhantes dos futuros estudos a respeito do Antigo Testamento.

BIBLIOGRAFIA

CARL-AXEL Moberg. Introdução à Arqueologia. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1981.

HALLEY. HENRY. H. Manual Bíblico. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.

PARROT, André. Introdução à Arqueologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

PEDRO, Antonio e CÁCERES, Florival. História Geral. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

UNGER, Merril F. Arqueologia do Velho Testamento. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1980.

MESQUITA, Antonio Neves, Povos e Nações do Mundo Antigo. São Paulo: Ed. Hagnos, 2001.

HORSLEY, Richard, Arqueologia, História e Sociedade na Galiléia. São Paulo: Ed. Paulus, 2000.

NO CURSO BACHAREL LIVRE

Você irá estudar 40 Disciplinas de maneira sistemática em uma plataforma online em Pdf para imprimir e Vídeo aulas

GRADE CURRICULAR

Disponibilizadas em **PDF**

1 BIBLIOLOGIA
2 TEOLOGIA - DOUTRINA DE DEUS
3 CRISTOLOGIA
4 PNEUMATOLOGIA
5 ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA
6 HAMARTIOLOGIA
7 SOTERIOLOGIA
8 ECLESIOLOGIA
9 ANGELOLOGIA
10 ESCATOLOGIA
11 HERMENÊUTICA
12 HOMILÉTICA
13 EXEGESE BÍBLICA
14 ARQUEOLOGIA BÍBLICA
15 PENTATEUCO
16 EVANGELISMO E MISSÕES
17 TEOLOGIA PASTORAL E ÉTICA
18 HISTÓRIA DE ISRAEL
19 TEOLOGIA DO ANTIGO RESTAMENTO
20 TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO
21 ÉTICA CRISTÃ
22 GEOGRAFIA BÍBLICA
23 PEDAGOGIA
24 RELIGIÕES COMPARDAS
25 HISTÓRIA DO CRISTIANISMO
26 ARQUEOLOGIA BÍBLICA
27 EVANGELISMO PESSOAL
28 FILOSOFIA GERAL
29 HEBRAICO
30 GREGO
31 METODOLOGIA CIÊNTIFICA
32 PSICOLOGIA PASTORAL
33 ÉTICA MINISTERIAL
34 EXEGESE BÍBLICA
35 ECLESIOLOGIA
36 MISSIOLOGIA
37 TEOLOGIA SISTEMÁTICA 1
38 TEOLOGIA SISTEMÁTICA 2
39 TEOLOGIA PASTORAL
40 PORTUGUÊS



*Fotos Meramente ilustrativas



Plataforma de estudo

Você irá estudar o seu curso em uma plataforma Online pensada para você, no seu Computador ou celular



Vídeo Aulas e muito mais

Você irá estudar online com ajudar de vídeo aulas e apostila em pdfs provas e muito mais...



Certificado Online

Terá direito ao certifcado online dos cursos do básico até bacharel mais Oratória online.



Grupo Aberto no TELEGRAM

Você terá direito a um grupo no TELEGRAM onde semanalmente será enviado Informações Extras para Você sobre o seu curso



Mais Interativade

No grupo do Telegram você terá interatividade com os idealizadores do seu curso diariamente.



Apostilas em Pdf

As disciplinas estão também em PDF para o aluno Baixar e estudar até mesmo Imprimir

PERGUNTAS FREQUENTES

Tem Credencial?

Nós Trabalhamos com Certificado e Histórico escolar Online que podem ser impressos pelo aluno

Vocês enviam livros?

Nosso curso é 100% Online, não enviamos nenhum conteúdo por correios, todo conteúdo e disponibilizado na plataforma

Nunca estudei Online

Nós iremos lhe dar todo apoio para estudar como tutoriais ensinando o passo a passo de como estudar o seu curso.

DURAÇÃO DO CURSO DEPENDE DO ALUNO

O curso será estruturado em módulos acessíveis eletronicamente pela plataforma do Aluno – AVA Moodle, mediante digitação de um nome de usuário e senha. Imediatamente após a matrícula o aluno poderá acessar o primeiro módulo para estudo. Cada módulo possui atividades específicas como Fóruns, Livros e Vídeos; objetivando preparar o aluno para uma avaliação de conhecimentos que fechará o módulo.

Avaliações

As avaliações serão realizadas através DA PLATAFORMA DO Aluno – AVA Moodle ao final de cada módulo.

Investimento

Sem taxa de matrícula nem Mensalidade Valor total do curso. Curso com um unico valor

Requisitos Obrigatórios

Este curso não exige comprovante de escolaridade.

BACHAREL EM TEOLOGIA ONLINE

O Curso bacharel em Teologia Online é um curso realizado a distância através da plataforma – AVA Moodle. No campo da educação teológica se baseia em questões práticas, dissertações e pesquisas objetivas. Ao iniciar o curso o aluno pode acessá-lo no seu tempo disponível, sem compromisso com dias ou horários fixos, no conforto do seu lar por meio do seu computador, tablete ou celular. O aluno decide o tempo para terminar o seu curso. Por correspondência, o aluno recebe uma apostila e várias questões relativas a cada disciplina, as quais devem responder, com as fontes de informações indicadas pelo SETAT. O aluno decide o tempo para terminar o seu curso. O curso possui uma avaliação e uma redação final online, para ser aprovado o aluno deverá alcançar uma nota igual ou superior a 6, para receber seu Histórico e certificado na conclusão do curso. Somos uma escola diferente de todas as existentes! Ao mesmo tempo, buscamos profunda seriedade em nosso trabalho acadêmico elevado, sendo de vocação e dependência de Deus, altos propósitos, para os quais carecemos da graça de Deus para realizar. Venha fazer a diferença e faça parte da família SETAT, ore por seus educadores, louve a Deus e estude conosco, esperamos que você encontre neste site todas as informações que procura a respeito de nosso curso básico em teologia online.

Reconhecimento pelo MEC

O SETAT ministra cursos livres e estes NÃO são reconhecidos pelo MEC.

O curso tem mensalidade?

NÃO, nossos cursos tem uma taxa ÚNICA, e o aluno não paga mais NADA.

Posso fazer o Bacharel sem Ter feito o Básico?

Por ser um curso Livre online, o aluno pode estudar no seu tempo, tornando assim que o aluno não precise de niveis de aprendizado, e pode começar a estudar o curso completo sem partições de tempo como o Básico e Médio

RECONHECIMENTO DOS CURSOS

Os Diplomas e históricos do SETAT- Seminário de teologia ao Alcance de Todos, tem registro de firma reconhecida em cartório. A nova posição do governo sobre o assunto, no momento, muito seminários registrados estão com o processo de vinculação ao MEC. Até então o governo , no tocante a constituição , tem respeitado a separação entre a Igreja e o estado, por isso o MEC considera o ensino teológico dentro dos cursos da área de (ensino livre). A instituição deve estar destinada a formação de ministros religiosos. O curso em questão deve ser de nível superior pressupondo que seus alunos tenham concluído os dois ciclos do curso de nível médio (1º e 2º graus completos). Um curso para formação ministerial.

É reconhecido pela minha Convenção?

Terá que consultar a sua convenção se eles aceitam cursos livres em sua formação ministerial

Qual a linha teológica do Seminário?

Nosso seminário é Interdenominacional. Nós ensinaremos às 2 linhas teológicas Para o crescimento dos nossos alunos.

Quais são as forma de Pagamento?

Nós trabalhamos com Boleto, Cartão de Crédito em até 12x

SETAT

SEMINÁRIO DE

Teologia

AO ALCANCE DE Todos

REITOR DO SETAT

PASTOR

LENILBERTO Miranda

Informações:

TEOLOGIAAOALCANCEDETODOS.COM.BR